



## **Trabalhos selecionados para Colóquio Interno**

**2º Semestre 2013**

**Ciclo I ⇨ Marcelo Goes Tomassini**

**Ciclo II ⇨ Nílson Joaquim da Silva**

**Ciclo III ⇨ Elen Fernanda Assunção Chaves**

**Ciclo IV ⇨ Amilton Pereira Aires Filho**

**Ciclo V ⇨ Silvana de Lourdes Grimaldi Martani Du Pasquier Nunes**

**Ciclo VI ⇨ Carolina Sieja Bertin**

## **Índice**

### **Ciclo I**

**Marcelo Goes Tomassini**

**O Sadismo de mando como liberdade deformada de nossa via colonial.....3**

### **Ciclo II**

**Nílson Joaquim da Silva**

**Espelhos Velados e Revelados, Caleidoscópicos Estilhaços de Espelhos.....16**

### **Ciclo III**

**Elen Fernanda Assunção Chaves**

**O choro diante do berço: O luto na chegada de uma criança não desejada.....34**

### **Ciclo IV**

**Amilton Pereira Aires Filho**

**A Escuta do delírio.....42**

### **Ciclo V**

**Silvana de Lourdes Grimaldi Martani Du Pasquier Nunes**

**Análise - Um Lugar, Um Caminho.....51**

### **Ciclo VI**

**Carolina Sieja Bertin**

**Um pesadelo, talvez? A elaboração social do trauma do Holocausto.....58**

**2º Semestre 2013**

**Ciclo I**

**Aluno: Marcelo Goes Tomassini**

**Título: *O sadismo de mando como liberdade deformada de nossa via colonial***

**Resumo:** Este trabalho visa mediar categorias da psicanálise na compreensão das particularidades do Brasil. É um exercício reflexivo para desvendar a subjetividade social e histórica brasileira. Buscamos compreender a forma constituinte da violência no Brasil como resultado de uma sociabilidade produzida por nossa herança formativa colonial. Para isto utilizamos categorias freudianas que contribuem para desvendar as características latentes desta subjetividade a qual defino como sadismo de mando.

**Palavras de chave:** sadismo de mando, masoquismo, subjetividade, liberdade deformada.

### **Introdução**

O exercício de estarmos conectados com a subjetividade de nosso tempo é produto de um trabalho reflexivo do psicanalista. É ao mesmo tempo um exercício clínico e de negação da clínica. É clínico porque a experiência singular nos revela que mesmo diante da constituição social e histórica de cada tempo, os indivíduos produzem uma narrativa específica, única, particular de existência.

Mas é também a negação da clínica, porque esta singularidade só se realiza socialmente. Em várias épocas históricas se apresentam questões políticas, sociais, culturais, econômicas que atravessam as individualidades. Portanto, que reconstroem nossa percepção de tempo e espaço, de valores e contravalores, os quais atravessam nosso inconsciente.

Cada nação, cada região, cada cultura e territorialidade produzirão formas de ser que não só se naturalizarão em cada individualidade, mas farão parte da formação de cada aparelho psíquico. O social, portanto, garante o conteúdo das ramificações do aparelho psíquico.

É a partir da compreensão de nossa constituição histórica, que este breve artigo visa refletir sobre as contradições de nosso tempo. Tempo este demarcado pela particularidade brasileira: resultado de um processo histórico por uma via colonial.

Durante quase 400 anos de nossa história estivemos estruturados pelo processo de colonização, com mão de obra escrava, organização econômica baseada em grandes latifúndios de monocultura, juridicamente presos a uma relação com a metrópole Portugal.

O processo social que garantiu o desenvolvimento da república no Brasil trouxe como herança nossos “vícios” e “virtudes” sócio-históricos. Na república nossa herança colonial não só se efetivou como atingiu outros níveis de contradições históricas. Há na atualidade uma combinação de tempos que se mesclam e produzem nossa forma de ser.

O exercício reflexivo e também de imaginação visa compreender esta herança histórica a partir do clássico “Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freire. É a luz de dois fenômenos sociais da atualidade atravessados por uma forma de violência característica de nossa particularidade que utilizaremos algumas categorias freudianas como inconsciente, recalque, sadismo-masochismo, deslocamento, formação substitutiva e neurose na tentativa de elucidar a subjetividade e sociabilidade atual.

### **A Casa-Grande e a Senzala como categoria histórica brasileira.**

“Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freire, é um livro clássico para compreensão da formação social e do pensamento brasileiro (publicado em 1933). Livro que diz muito das nossas contradições as reafirmando como virtudes ou como vícios harmoniosamente equilibrados. Ao estabelecer “Casa Grande e Senzala” como espaço de constituição da formação colonial, Freire caracterizou uma determinada constituição da subjetividade histórica.

## Segundo Freire:

“A casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político: de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o banguê, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família, com capelão subordinado ao pater famílias, culto dos mortos etc.); de vida sexual e família (o patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o “tigre”, a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); de política (compadrismo). Foi ainda fortaleza, banco, cemitério, hospedaria, escola, santa-casa de misericórdia amparando os velhos e as viúvas, recolhendo órfãos.” (FREIRE, 2013 pp 36).

A “Casa Grande e a Senzala” na teoria de Gilberto Freire se apresenta não apenas como um espaço de sociabilidade, mas é a própria categoria que explica as relações no Brasil, e é responsável determinante pela nossa herança formativa colonial. “Nas casas-grandes foi até hoje onde melhor se exprimiu o caráter brasileiro; a nossa continuidade social (...) dentro dessa rotina é que melhor se sente o caráter de um povo.” (FREIRE, 2013, pp 45).

A formação tardia do Estado brasileiro e a apropriação histórica deste pelas famílias da Casa Grande tornou-se marca registrada do desenvolvimento do capitalismo hipertardio; a “Senzala” que se estendeu em uma massa de negros pobres que foram libertos sem direitos e ocuparam as periferias e favelas das grandes cidades do Brasil representa esta república que custa a se realizar como espaço público.

Com todas as contradições historiográficas do seu tempo, o clássico “Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freire, tem a “virtude” de ter captado a sociabilidade brasileira por sua positividade. Podemos, portanto, compreender nossa formação histórico-social utilizando alguns referenciais teóricos freireanos para analisar os aspectos sociais e contraditórios contemporâneos.

Neste sentido, utilizo dois fatos sociais recentes emblemáticos de nossa cultura, nos quais podemos perceber os processos constitutivos de nossa sociabilidade histórica. É na instauração de uma república no Brasil que o exercício efetivo do recalque de nosso passado colonial se faz presente.

Este exercício do apagamento de nossas feridas históricas resulta em formações substitutivas tão intensas quanto às experiências coloniais que ficaram latentes. Para Freud, no recalcque, “a sua essência consiste apenas em rejeitar e manter algo afastado da consciência.” (FREUD, 2010 pp. 85). O desprazer de trazer à consciência fatos históricos que não foram elaborados e refletidos socialmente provoca importantes sintomas sociais. Há no Brasil uma violência naturalizada a base de muito sangue e lágrimas.

O primeiro fato social que utilizaremos é o de Amarildo de Souza, desaparecido, torturado pela polícia do Rio de Janeiro e, por circunstâncias conjunturais, seu nome ganhou destaque nacional e revela que este exercício de reflexão não é só atual, mas necessário para o processo de reelaboração de nosso passado recente. Segundo as investigações sobre o desaparecimento de Amarildo, “moradores contaram que já levaram choques e que foram asfixiados com sacos plásticos por policiais em busca de informações sobre traficantes e armamento.” (“Polícia diz que não tem dúvidas que Amarildo foi torturado”, site G1, 02/10/2013).

Procedimento comum da polícia nas periferias do Brasil em que fins justificam os meios, e no esvaziamento do conceito de direitos humanos. O debate em torno do qual existiria um direito humano para o bandido e outro para os “cidadãos de bem” é legitimado por uma parcela importante da população em vários níveis sociais.

Ao esvaziar e adjetivar “os direitos humanos do bandido (sic)” esvazia-se também a possibilidade da conciliação com nossos conflitos. As forças sociais que se apresentam como sintomas dos conflitos recalcados se agudizam, e forças sociais superiores se colocam. O conflito ganha em intensidade. Um exemplo marcante: o massacre do Carandiru em 1992 é o estopim ou o próprio parto do Primeiro Comando da Capital que “o cidadão de bem” aparentemente longe da barbárie e educado pela lógica formal de onde os pés pisam, e pelo exercício social do esquecimento, não conseguem se aperceber.

Para Freud quanto maior a força do consciente para reprimir uma experiência social que causa desprazer, mais forte será a resposta do inconsciente a esta demanda. O indivíduo que por esta via da repressão optar se assustará com as consequências advindas desta opção que se expressarão de forma mais intensa.

Ou como diz Freud,

(...) a representante do instinto se desenvolve de modo mais desimpedido e mais substancial quando é subtraída à influência consciente mediante repressão. Ela prolifera como que no escuro, e acha formas de manifestação extremas, que, ao serem traduzidas e exibidas para o neurótico, não só lhe parecem inevitavelmente estranhas, mas também o assustam com a imagem de uma extraordinária e perigosa força instintual. (FREUD, 2010, pp 87).

A intensidade da violência neste sentido é o próprio sintoma de uma sociedade neurótica. A neurose reflete os distúrbios psíquicos dos indivíduos na atualidade para reprimir num esforço coletivo o legado histórico de nossa violenta formação colonial. Estas tensões individuais produzem quando coletivizadas um discurso da negação da memória, do trauma. O discurso do “cidadão de bem”, que trabalha, é honesto e tem exclusivamente mérito pela sua condição material é o mais comum em vários níveis sociais do Brasil.

Em “Lembranças encobridoras”, Freud discute como determinadas experiências recalçadas para o inconsciente podem produzir formações substitutivas e deslocamentos que impedem que percebamos os fenômenos latentes. Freud nos diz,

“o resultado do conflito, portanto, é que, em vez da imagem mnêmica que seria justificada pelo evento original produz-se uma outra, que foi até certo ponto associativamente deslocada da primeira. (...) Os processos da defesa normal ou patológica e os deslocamentos em que resultam são claramente de grande importância.” (Freud, 1899, pp. 340).

Da perspectiva da explicação dos fenômenos sociais no Brasil, há um processo de deslocamento e/ou formações substitutivas que contribuem para recalcar nossa herança histórica. Os indivíduos resistem a trazer à tona algo que vai provocar um desprazer. O consciente resiste deslocando as questões sociais para aspectos aparentes dos problemas sociais.

Aqueles que não tiveram acesso à cidadania, vítimas da própria formação escravista no Brasil, passam a serem os culpados pelos fenômenos sociais da violência e por sua própria condição de miserabilidade material e espiritual. Reorganiza-se a realidade e se constituem novas formações substitutivas e explicativas da violência no Brasil.

A constituição social e encobridora que resulta na definição “cidadão de bem” em nossa sociedade marcada pelas experiências históricas recalcadas, produz determinadas explicações de mundo e ações ilegais do ponto de vista formal, mas justificadas do ponto de vista social por uma suposta violência do outro. Assim atua um setor importante da polícia no Brasil que utiliza métodos ilegais que pretensamente justificariam seus fins.

Mas “Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freire, ajuda neste exercício de imaginação no qual não se sabe bem na atualidade até onde a Casa Grande conseguiu se estender, evidentemente sempre de forma flexível e plástica, se adaptando a todas as nossas singularidades. Freire, portanto, nos ajuda a desnudar o conteúdo latente e histórico de nossas ações:

"Transforma-se o sadismo do menino e do adolescente no gosto de mandar dar surra, de mandar arrancar dente de negro ladrão de cana, de mandar brigar na sua presença capoeiras galos e canários - tantas vezes manifestado pelo senhor de engenho quando homem feito; no gosto de mando violento ou perverso que explodia nele ou no filho bacharel quando no exercício de posição elevada, política ou de administração pública; ou no simples e puro gosto de mando, característico de todo brasileiro nascido ou criado em casa-grande de engenho." (Freire, 2013, pp. 113-114).

O sadismo da tortura, este ato prazeroso que determinados setores da casa-grande utilizavam para exercer sua liberdade deformada se generalizou como característica subjetiva de nossa particularidade histórica. A coisificação dos escravos se expressava e generalizava também no trato das relações.

A formação da república brasileira sem rupturas, sem elaboração sobre o passado colonial produziu uma forma particular de legalidade, que do ponto de vista formal repudia tais ações de violência. No entanto, na prática, uma série de violências ainda são reproduzidas pelos agentes do Estado, e por setores mais amplos da sociedade que demonstram que o retorno do reprimido se efetiva em formações substitutivas de práticas de opressão, de violência e sadismo de mando.

É neste Brasil profundo que podemos resgatar outro fato social que revela os sintomas decorrentes da não reelaboração de nossos recalques históricos. Uma elucidativa pesquisa

com 8 mil mulheres brasileiras revelou que "81% das mulheres já deixaram de sair por medo de assédio" e que "90% trocaram de roupa também por medo". (Chega de fiu fiu: enquête revela que 81% das mulheres deixaram de sair por medo de assédio, Site Catraca Livre, 10/09/2013).

Gilberto Freire, em *Casa Grande e Senzala*, explicita que o

"resultado da ação persistente desse sadismo, de conquistador sobre conquistado, de senhor sobre escravo, parece-nos o fato, ligado naturalmente à circunstância econômica da nossa formação patriarcal, da mulher ser tantas vezes no Brasil vítima inerme de domínio ou do abuso do homem, criatura reprimida sexual e socialmente dentro da sombra do pai ou do marido. Não convém esquecer-se o sadismo da mulher, quando grande senhora, sobre os escravos, principalmente sobre as mulatas; com relação a estas, por ciúme ou inveja sexual." (FREIRE, 2013, pp. 114).

A violência e o assédio são sintomas de uma patologia histórica que todos nós sentimos, de modos diferentes, na Casa Grande ou na Senzala, ou na transição entre um e outro. Eles revelam uma marca estranha de nossa identidade, certa paixão neurótica por estes sintomas. Cinicamente, estes sintomas, tornam-se a realização quantitativa em vários níveis sociais de uma liberdade deformada, o direito de exercer o sadismo no outro. Torna-se uma marca de nossa identidade cultural e subjetiva.

É importante discutir que o sadismo originário do senhor-escravo representava uma relação coisificada. O escravo era coisa na medida em que era comprado como objeto. Tratava-se de uma relação de sujeito e mercadoria por um lado, no que pese refletirmos até que ponto trata-se de sujeito quem compra alguém. Do ponto de vista ético, só pode ser objeto quem trata o outro como tal.

No processo de constituição da república no Brasil caíram do ponto de vista formal, o império e a escravidão. Da perspectiva concreta, a coisificação dos negros libertos se estendeu à cidadania de segunda classe, o que obviamente produziu uma liberdade deformada. É esta liberdade deformada que prejudica a dissolução de nosso nó social. Podemos refletir que diante de tal constituição, resolver questões sociais, tomando consciência de nossas verdades inconscientes nos coloca em uma estranha conciliação, no esvaziamento na atualidade da autoridade da Casa Grande e dos seus agregados.

A categoria “Casa-Grande e Senzala” não são mais somente espaços que se constituíram na época do Brasil colônia. Tornaram-se símbolos de nossa sociabilidade na formação da república no Brasil. Um novo paradigma a partir da construção de uma racionalidade burguesa particular constituiu um tipo de autoridade que permeia os espaços sociais e norteia o caráter das relações no Brasil.

Gilberto Freire diz: "a tradição conservadora no Brasil sempre se tem sustentado do sadismo do mando, disfarçado em "princípio de Autoridade" ou "defesa da Ordem". (Freire, 2013, pp. 114). O sadismo de mando faz parte de nossa herança histórica. A liberdade deformada de realizar o desejo de ser sádico. Perder esta “Autoridade” em troca de paz não parece ser o desejo daqueles que se beneficiam com este privilégio. Podemos pensar, portanto, que o sadismo de mando é um dos sintomas produzidos pelo recalque de nossa fase colonial, que reverbera até hoje em nossas relações sociais e interpessoais.

Segundo Freud, “o sadismo consiste em prática de violência, exercício de poder tendo uma outra pessoa como objeto.” (Freud, 2010, pp 65). O sadismo é pensado como um par de opostos sadismo-masiquismo. Quando o sádico passa de ativo para passivo transforma-se a meta instintual, o objetivo passa a ser a própria pessoa. “Novamente se busca uma outra pessoa como objeto, a qual, em virtude da transformação de meta ocorrida, tem de assumir o papel do sujeito”. (Freud, 2010, pp 65).

Do ponto de vista social e de nossa herança colonial enquanto constituição de nossa liberdade deformada, o sadismo de mando é uma realização entre objetos. Só quando o sujeito deixa de ser sujeito e passa a ser objeto que a relação de humilhar o outro passa a ter sentido. No período colonial o escravo era coisa, objeto por excelência. Neste sentido, as relações coercitivas estão muito claras. No entanto, relações entre coisas ou entre supostamente sujeitos na sociedade mediada pela nova república também se realizam coisificadas.

A mulher branca da Casa Grande também sofria a humilhação sádica do senhor de engenho. Por outro lado, também realizava seus desejos sádicos por “inveja sexual” , segundo Freire, nas escravas utilizadas pelo senhor de engenho para benefícios sexuais. O homem negro também poderia ter uma relação sádica com a mulher escrava negra, assim como a mulher

negra que trabalhava na casa-grande poderia ter “privilégios” que lhe permitiam realizar o sadismo de mando com outros escravos.

O capitão do mato é uma boa expressão de como esta subjetividade se generalizou. Aquele que um dia foi escravo negro, agora exercendo funções de confiança para o senhor. Seus objetivos eram gerenciar, organizar, castigar e servir de ponte entre o senhor e seus escravos. Coube ao senhor lhe repassar uma quantidade social de sua autoridade para realização da tarefa.

Um dia escravo, o capitão do mato é conhecedor das características simbólicas que permeiam as relações entre os escravos. Nesta relação de sadismo o capitão do mato representa aquele que obtém o direito à liberdade deformada de realizar o sadismo de mando com o outro.

O exercício da subjetividade dos opostos sádico-masoquista tornou-se uma particularidade da condição social brasileira. Os privilégios resultantes da realização do sadismo de mando se generalizaram nas várias esferas sociais públicas e privadas constituindo nosso caráter social.

Do ponto de vista quantitativo, a opressão de opostos estabelecida originariamente entre senhor-escravo se ampliou para várias outras formas de opressão deslocadas como pais-filhos, marido-mulher, branco-negro, sulista-nordestino, trabalho digno-trabalho indigno, alfabetizado-analfabeto entre outros.

Neste exercício de mediação das categorias psicanalíticas para as esferas dos fenômenos sociais podemos pensar que o masoquismo também se dá pela via do sadismo original, ou como diz Freud, “o Eu passivo se coloca em fantasia no seu lugar anterior, agora deixado ao novo sujeito.” (Freud, 2013, pp 66). Ou seja, aquele que em um espaço social realiza seu desejo sádico, em outro espaço social pode ocupar a posição passiva, masoquista.

A relação sádica-masoquista estruturada primeiramente na relação senhor-escravo se assume como categoria de opressão que se generaliza nas esferas sociais a partir do atravessamento das individualidades ora como sádicas, ora como masoquistas.

Portanto, a fantasia torna-se a própria elaboração da realidade do oprimido. Aceita sua situação social de sujeito passivo e oprimido sabendo que um dia pode tornar-se opressor. Se como supõe Freud pode haver um prazer nas sensações dolorosas, “como outras sensações de desprazer que invadem a excitação sexual e produzem um estado prazeroso, em virtude da qual se admite também o desprazer da dor”. (Freud, 2013 pp. 67). Estar na condição social masoquista é referendar também a possibilidade de um dia estar em outra condição. Lembrando que o tornar-se opressor é se apropriar de um determinado nível quantitativo do sadismo originário da nossa particularidade histórica.

O excessivo assédio as mulheres, a violência doméstica, a quantidade de estupros registrados por dia no Brasil, ou então a sensação e o direito socialmente legitimado de uso da violência contra suspeitos, de entrar na casa sem mandato de segurança... Quantos exemplos deste sadismo podemos perceber na sociedade atual? Quantas situações destas percebemos em nosso cotidiano? A necessidade de uma delegacia somente para mulheres assim como uma corregedoria para investigar abusos policiais são resultados da forte presença destes sintomas sociais particulares da violência no Brasil.

Em uma sociedade em que o sadismo de mando tornou-se parte de nossa racionalidade burguesa particular, coube ao oprimido ser educado que a forma de realizar seus desejos é ocupar o papel social de sádico. Neste sentido se reproduz em várias escalas sociais cada vez menores a relação sádico-masoquista. Quando se sabe o seu lugar dentro de algum ponto da ordem, se saberá também o seu lugar para obter benefícios nesta mesma ordem.

Para Freud,

“Quando sentir dores se torna uma meta masoquista, pode surgir também, retroativamente, a meta sádica de infligir dores, que o próprio indivíduo, ao suscitar-las em outros, frui masoquistamente na identificação com o objeto sofredor. Naturalmente se frui, em ambos os casos, não a dor mesma, mas a excitação sexual que a acompanha, o que é particularmente cômodo na posição de sádico.” (Freud, 2013 pp. 85).

Se pensarmos que o sadismo originário senhor-escravo se pulverizou enquanto sociabilidade em várias outras formas sádicas de experiências sociais, o exercício de se identificar com o objeto sofredor não só é real do ponto de vista do sádico que se torna masoquista em outra

esfera social, mas também, enquanto realização de uma forma de sociabilidade legitimada e organizada.

Quando a maioria das mulheres brasileiras não sai à rua com uma determinada roupa é porque se naturalizou socialmente o assédio sádico-masquista dos opostos homem-mulher. Neste caso, o machismo como uma herança colonial-patriarcal é reproduzido também em um determinado nível pelas próprias mulheres, que educadas em uma sociedade machista, repudiam contraditoriamente determinadas liberdades sexuais e morais, inclusive, para as mesmas.

Da mesma forma a naturalização da violência policial nas periferias do Brasil reflete que a relação sádica-masquista pelo oposto “cidadão de bem-cidadão mau” adentrou também a sociabilidade das periferias. Quando “cidadãos pobres e de bem” reclamam que não são bandidos por isto não merecem tal tratamento naturalizam socialmente uma prática ilícita da polícia independente dos sujeitos envolvidos no caso. A clássica afirmativa caricatural “bandido bom é bandido morto” se estende e generaliza paradoxalmente como sociabilidade inclusive da “Senzala”.

Se reproduz uma mentalidade também conservadora em setores que não se beneficiaram com o regime democrático formal, mas que procuram se beneficiar de algum modo a partir deste jogo de linguagem. A “cidadania” se realiza contraditoriamente nos elementos simbólicos que caracterizam socialmente a relação sádica-masquista. Ou seja, somente quando este “cidadão” ocupa um lugar social que lhe permite exercer seus desejos sádicos poderá ser considerado “cidadão” nesta racionalidade burguesa particular.

Do ponto de vista da mentalidade é preciso ocupar determinado espaço concreto ou simbólico para tornar-se “cidadão”. Em um país criado na cultura bacharelesca da república velha, por exemplo, advogados e médicos podem ser considerados “doutores” com a graduação apenas ao contrário de outras carreiras. Esta cultura bacharelesca é a reprodução do direito através de título acadêmico de constituir-se como privilegiado cidadão na república, ou pleno de exercer o gozo sádico.

O direito de ser sádico expressa, portanto, uma dada “cidadania”, ou melhor, os privilégios em uma sociedade estruturalmente desigual. Ao masoquista cabe o amor de ocupar mesmo que em um determinado nível este lugar do sádico.

O oposto sádico-masoquista encontra nas suas várias relações concomitantes a realização de seu desejo. Um masoquista pode assumir posição de sádico e masoquista dependendo do espaço simbólico que se encontra. O mesmo indivíduo assume o duplo papel sádico e masoquista em várias situações do cotidiano.

A mentalidade baseada em uma ordem, que define claramente quem vai ocupar determinado lugar é a garantia do conforto do oposto sádico-masoquista. A particularidade histórica brasileira permitiu que a relação senhor-escravo se efetivasse na convivência dos opostos muitas vezes em um mesmo espaço físico. Nem por isto as fronteiras simbólicas são ultrapassadas.

Na África do Sul, por exemplo, o Apartheid produziu relações que definiam exatamente os espaços físico-geográficos de negros e brancos. Na miscigenada particularidade brasileira, a Casa Grande se estendeu para a Senzala independente do espaço físico. E encontramos setores conservadores que não se beneficiam da cidadania plena, mas lhe satisfaz um mundo com uma determinada ordem social. A lógica neste sentido é que a polícia pode exercer seu sadismo na periferia, desde que, contra as pessoas certas. Neste sentido, a lógica particular tornou-se dialética na medida em que a Senzala também constitui a Casa-Grande e a legitima em um patamar superior.

O sadismo de mando é uma característica de nossa herança colonial que se expandiu como sociabilidade brasileira. Em uma sociedade na qual a cidadania se reduziu a determinados privilégios, o direito de exteriorizar estes privilégios representa um determinado nível de liberdade deformada. Deformada porque se realiza a partir da negação do outro e não da igualdade e da positividade do outro. Esta liberdade se realiza sadicamente no direito de mando que se expressa quantitativamente nas várias esferas socioeconômicas.

## **Conclusão**

O exercício de compreender a realidade brasileira a partir de uma leitura de nossa formação histórica e do desenvolvimento hipertardiado do capitalismo, nos fez pensar sobre como podemos interpretar a sociabilidade contemporânea no Brasil. “Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freire nos deu a possibilidade de trazermos nossa herança escravista, e Freud as categorias que nortearam nossa interpretação e formação social recalcada.

Consideramos que este recalque do apagamento pelas gerações de nossas contradições produz sintomas sociais e uma forma de violência muito particular, o sadismo de mando. Este sadismo se assumiu não só como um sintoma, mas como a própria representação de nossa subjetividade, de nossa mentalidade. É o que dá ordem na desigualdade dos “direitos dos cidadãos”.

Esta forma de ser se estendeu para todos os espaços sociais, e se realiza pelos opostos sádico-masoquistas que podem se apresentar em ordens diferentes dependendo do lugar que ocupam. Pela leitura dos autores e dos fenômenos sociais atuais creio ser uma característica do conservadorismo e do caráter da sociedade brasileira esta particularidade. Ao realizar o projeto democrático-liberal somente formalmente se produziu uma sociabilidade estranhada na qual a coisificação do outro é a realização do meu exercício do oposto prazer-desprazer de autoridade.

## **Bibliografia**

Freud, S. “Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos.” 1914-1916. Companhia das Letras, SP. 2010.

- Os instintos e seus destinos. - A repressão. - O inconsciente.

Freud, S. “Lembranças encobridoras”, Obras Completas. Vol. III Pags. 333 a 359. SP. (1899).

Freire, Gilberto. “Casa Grande e Senzala”, editora global, SP. 2013.

**2º Semestre 2013**

**Ciclo II**

**Aluno: Nilson Joaquim da Silva**

**Título: *Espelhos velados e revelados. Caleidoscópicos estilhaços de espelhos***

### **Espelhos velados e revelados**

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.”

*Livro dos Conselhos*

Amante da Literatura e da arte retórica, tímido falante, mas atento ouvinte, num convívio íntimo – e tantas vezes frustrante, dolorido – com as palavras, sempre me interessei mesmo foi pelo silêncio, pelo que as palavras, sozinhas, não conseguem ou não podem dizer: pelo não dito, pelo desdito, pelo maldito.

Nas linhas, encantam-me – sempre me encantaram – as entrelinhas; na escrita, o desafio da página em branco; na voz, o eco; na presença, a ausência, o vazio, o que não se pode preencher, o que angustia e que move, aquilo que falta e que, ao mesmo tempo, convida e impulsiona à busca, ao abismo. O reflexo.

Se no início era o Verbo, como afirmam os textos míticos e religiosos, interessa-me – sempre me interessou – o que antecede o Verbo, o que prenuncia todo início, o que antecipa mesmo sem ser verbalizado, as trevas de que pode – ou não – brotar a luz. Interessam-me os espelhos velados.

Creio que, por isso, após os quarenta anos de idade e muito, muito tempo de dedicação à Literatura, resolvi dedicar-me também à Formação – à busca da Forma e da Ação – na Psicanálise. Creio que também por isso, no meu primeiro trabalho sistematizado como

aprendiz de psicanalista – a monografia de conclusão do Ciclo I –, debrucei-me sobre a escuta e a relação entre o que se diz e o que se cala – o que, em nós, cala – quando falamos e silenciemos, quando ouvimos e somos ouvidos, aliás, quando somos ouvidos mesmo naquilo que nem dissemos... ou, principalmente, naquilo que nem dissemos. Que não conseguimos dizer. Mas que ecoou em nós, ecoou fora de nós.

Não, no início não era o Verbo, no início era o Silêncio, era o vazio, a ausência, o desalento, a falta de ar, as trevas, o velado, a angústia que antecede todo ato criador e criativo e, disso, disso sim, nasceu o Verbo. Nasceu a Palavra, o Alento, a Criação, o Discurso, a Representação, nasceu Deus, nascemos nós – supostamente feitos à imagem e semelhança de Deus, dos deuses – e, conosco, nasceu a necessidade da atenção, da escuta, da interpretação, da Arte, da Literatura, da Psicanálise... Nasceu a escuta na Psicanálise... Nasceu o desejo de desvelar, do revelar.

Escuta: “ponta extrema e fina do espírito, que traz à consciência social o sentido vivo do silêncio”<sup>1</sup>. Espelho velado e revelado pelo Verbo.

Senti-me desafiado, logo no segundo encontro do Curso de Formação, aqui no Centro de Estudos Psicanalíticos, quando escutei o coordenador Ernesto Duvidovich nos dissuadindo de qualquer ilusão de um “encontro marcado” com respostas nas aulas, afirmando-nos, de forma incisiva, contundente, que na Psicanálise o que teríamos – o que temos – eram e são as perguntas, a busca, a falta, as não-respostas. Indagações, indagações, indagações. E o silêncio. Espelho velado e (re)velado.

Fiquei feliz, logo nas primeiras leituras, das primeiras aulas, ao deparar-me, na *Conferência número 1*, de 1916, com a explanação de Freud sobre o que, ao seu ver, era a ainda tão nova, tão principiante, Psicanálise: “nada acontece num tratamento psicanalítico além de um intercâmbio de palavras entre o paciente e o analista. O paciente conversa, fala de suas experiências passadas e de suas impressões atuais, queixa-se, reconhece seus desejos e seus impulsos emocionais. O médico escuta, procura orientar os processos de pensamento do paciente, exorta, dirige sua atenção em certas direções, dá-lhe explicações e observa as reações de compreensão ou rejeição que ele, analista, suscita no paciente.”

---

<sup>1</sup> Bosi, Alfredo in: *O ser e o tempo da poesia*.

O psicanalista escuta, observa, analisa, cala, busca compreender linhas e entrelinhas, palavras e silêncio, e interpreta, ecoa, verbaliza, feito um hermeneuta, feito um literato, feito um escritor, feito um ficcional “tecedor de mundos supostamente coerentes” num mundo tão incoerente... feito um poeta, um mitopoético fazedor de teias simbólicas, imaginárias, míticas, num mundo supostamente real que já não crê em mitos, que já não tem tempo para a imaginação, mas que não consegue se desater – desatar-se – dos símbolos e do “nó de borromel” lacaniano, que entrelaça realidade, imaginação e símbolos. Ecos de humanidade. Reflexos do Homem. Travessia.

Palavras criam mundos, narrativas, vidas que merecem ser contadas, ouvidas, vividas, sentidas, retomadas, continuadas, ressignificadas, (com)partilhadas. Palavras – e silêncio – criam laços. Metafóricos e simbólicos laços de afeto sobre os quais a transferência se alicerça. Não há, agora, como não citar as palavras do psicanalista Arnaldo Domingos, de uma das horas clínicas deste segundo semestre do Curso de Formação, tentando esclarecer-nos, ainda tão leigos, tão principiantes nos assuntos da Psicanálise, o que é, segundo Lacan, o “sintoma” na transferência psicanalítica: **“sintoma é a metáfora de uma verdade que é impossível de ser dita, mas que se endereça a um outro com o qual se faz um laço.”**

Novamente, voltamos ao que não se consegue ou não se pode dizer, mas que, nem por isso, impede o outro de, metaforicamente, metonimicamente, ouvir, escutar, germe deste ensaio, germe do trabalho psicanalítico, germe do literário, gênese do humano. Reflexo.

Perguntaram, uma vez, à Clarice Lispector o que a movia a escrever e ela, serenamente, respondeu. “Eu não escrevo pelas palavras, escrevo por aquilo que não posso, apenas com elas, dizer... alguns cosem para fora, eu coso para dentro”. Meu ensaio do Ciclo I propôs-se a um mergulho num abismo, sem grito.

Cosendo para dentro, debruçando-me sobre a análise da gênese criativa de dois personagens-chaves de nossa Literatura – o Riobaldo, do **Grande sertão: veredas** de José de Alencar, e a Lóri, da **Aprendizagem amorosa** de Clarice Lispector –, assim como sobre os enredos que os envolvem e representam, refletem-lhes e refletem-nos, tentei desbravar, em meio a essa perigosa travessia que é a própria vida – “E viver é (sempre) muito perigoso”, como

diria o sertanejo Riobaldo –, veredas que podem aproximar e estreitar os caminhos entre os discursos da Psicanálise e os da Literatura. Nós e laços metafóricos que podem aguçar a escuta e a verbalização, o ecoar do ser humano, dentro ou fora da clínica, dentro ou fora de si mesmo.

Não sei direito onde cheguei. Não sei se parti, nem se voltei. Contudo, feito a mítica serpente Uroboros, que abocanha a própria cauda num constante devir, sem começo nem fim, sem fim nem começo, rompendo as barreiras do tempo e do espaço em nome de um cíclico eterno retorno, tentei demonstrar que, na Psicanálise, no romance contemporâneo, na vida moderna, assim como na simbólica serpente mítica, não existem definitivos começos, nem fins, existe processo, caminhada, presente, deriva, fragmentos de vida, devir. Existe o tornar-se, o vir a ser, a busca do que somos em tudo o que somos e naquilo que faltamos, e existe a narrativa dessa busca... e alguém para escutar essa narrativa. E, mesmo que esse alguém para escutar não haja, ainda assim existe a busca. E existe, em algum lugar, o ESPELHO.

Riobaldo, do **Grande Sertão: veredas**, para quem ainda não teve o dilacerante prazer da leitura do romance de Guimarães Rosa, é um sertanejo filósofo, um lírico atirador e matador, um doce homem rude que, em meio às agruras de um sertão em guerra, solitário e apaixonado pelo seu melhor amigo Diadorim, sem saber que ele, na verdade, era ela, no bruto, busca um sentido, um motivo, uma razão para as coisas serem como são, tão sem sentido, tão sem razão, e, sem encontrar respostas, num momento crítico de sua vida, no ápice da sua história e estória, descrente de Deus e do Amor, decide romper com as regras, as leis, a moral, e buscar o Diabo... o reflexo especular do que, em si, rompe com tudo o que se diz, impõe-se, de fora para dentro, o que é “bem”, o que é “bom”. Busca o *daemon*, o que antecede e antecipa as noções de “bem” e de “mal”, de “bom” e de “mau”.

Decide, o sertanejo, fazer um pacto com o inaudito, com o impensado, com o *daemônico* Pecado, o não reprimido, o não recalcado, para ter o que quisesse, mais do que pudesse. Reflexo.

Vai a uma encruzilhada à meia-noite, enfrenta os medos de fora e de dentro de si, clama por três vezes àquele que, comumente, proíbe-se de dizer o nome, de clamar e aclamar. Vence tudo o que se reprime, se recalca, se represa e, supostamente, depara-se

com o mistério maior, aquele mistério que libera de dentro de seu ser um “eu” sem grilhões, sem culpa, sem alma, ao menos um eu sem a tão volátil, reprimida, estilhaçada alma cristã. Depara-se com o Espelho.

E Riobaldo sabe, tem fé de que o que pedir, vencido o medo do errado, da culpa, do recalçado, sob a égide e a proteção do que é Mal, do que é Mau, do Pecado, tão alentador pecado, tão libertador pecado, será atendido. Pode pedir tudo pelo raso preço de sua alma já perdida. Pelo incomensurável valor de sua *daemônica* alma reconquistada.

Faz o pacto – o Pacto –, ousa, atreve-se, mas, na hora H, no frente a frente com a sua maldita, desdita demoníaca essência espelhada, não sabe o que pedir. Cala-se. Então, balbucia, gagueja, silencia. E, quando recobra a voz, malemal consegue sussurrar:

**“E o que era que eu queria? Ah, acho que eu não queria mesmo era nada, de tanto que eu queria tudo. Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era – ficar sendo!”**

Marisa Belém escreveu, na avaliação do meu trabalho do Ciclo I:

**“Quando Freud nos propõe a idéia do sujeito dividido, regido pelas determinações do inconsciente, rompe com qualquer idéia de um “eu” unitário e autônomo. Se o “ser” está para sempre perdido, desde a Psicanálise só nos resta “ficar sendo” a partir da escuta e da realização do sujeito desejante em nós.”**

“Ficar sendo”, creio que é o que todos nos queremos, que desejamos, que almejamos pela “realização do sujeito desejante em nós”. “Ficar sendo” é o que espelhamos, esperamos, projetamos.

Sem a inocência, a coragem ou a fé necessárias para um Pacto com o Diabo como o fez Riobaldo, mesmo tão dividido quanto ele, mesmo tão fragmentado, como ele, resta-me, – resta-nos – apenas, tal como ele desejou, “ficar sendo”. Por isso vim à Formação em Psicanálise, por isso firmo um pacto com as palavras e com o silêncio. Por isso debruço-me, agora, sobre os livros, as teclas do computador, perante o meu eu refletido na tela iluminada – porém opaca – e sobre – e sob – as linhas deste ensaio. Por isso falo e calo. Silêncio. Por

isso, estilhaçado, busco um espelho, busco-me num espelho, o ESPELHO, tentando reconstituir, na minha face, todavia, não apenas o “ficar sendo”, mas, no imperativo da realização do sujeito desejante – mesmo diante de um objeto de desejo aparentemente inalcançável, irrealizável, inapreensível em nossos dias –, busco o vislumbre do SER. O recolher dos cacos. E, na busca desse vislumbre de ser, deparo-me com a face espelhada da contemporaneidade, e ouço, da voz desse pálido reflexo, em silêncio, o eco da epígrafe de um romance que há muito li, mas que ainda reverbera em mim. O romance é o ***Ensaio sobre a cegueira***, de José Saramago, e a epígrafe foi extraída do *Livro dos Conselhos*: “**Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara**”.

Ao som silente desse eco, procuro, no espelho velado, revelar e desvelar o que se reflete e o que se repara por detrás dos véus, por detrás do breu.

## Caleidoscópicos estilhaços de espelho

No retrato que me faço  
– traço a traço –  
às vezes me pinto nuvem,  
às vezes me pinto árvore...

às vezes me pinto coisas  
de que nem há mais lembrança...  
ou coisas que não existem  
mas que um dia existirão...

e, desta lida, em que busco  
– pouco a pouco –  
minha eterna semelhança,

no final, que restará?  
Um desenho de criança...  
Terminado por um louco!

“O autorretrato” (Mário Quintana)

Entretanto, mesmo tentado a isso, ainda não é sobre a cegueira contemporânea, proposta por Saramago, ou sobre os específicos espelhos velados desse seu romance, que me curvarei. Nem falarei da ausência de nomes dos personagens, nem da abstração do espaço e do tempo, nem da fragmentação da vida, nem do caos moderno, nem do antipsicologismo e da crise ou ausência de individuação, nem da grande engrenagem moderna para a qual não passamos de pequenas rodinhas facilmente substituíveis que o escritor português, aparentemente, aprendeu com Kafka e com a leitura dos romances **O processo** e **O Castelo**. Deixarei essa discussão, a respeito de um aparente estilhaçar do espelho maior, do espelho da civilizada contemporaneidade, para quando formos tratar do **Mal estar da civilização**, a partir da ótica e da visão freudiana. Agora, dedico-me a um vôo mais baixo, não menos perigoso, não menos profundo.

Importa deixar claro que não vejo a Psicanálise, neste e em meus outros ensaios, como simples prática ou ferramenta de estudo literário, mas, sim, e antes, como método investigativo, clínico, da psique humana. Não há como deixar de lado a ligação antiga e

complexa que essa mesma Psicanálise tem com a Literatura e com os textos literários, mais especificamente com as motivações das práticas de escrita e de leitura e com a importância das construções metafóricas, e metonímicas dessas práticas.

Nesse longo relacionamento, a Psicanálise tem recorrido frequentemente à utilização da Literatura e da Arte como meios, modelos e instrumentos de desenvolvimento e ilustração dos estudos sobre a interioridade humana, sobre o inconsciente e as relações entre sujeito e objeto. Relações entre *subjectum* (o que está dentro) e *objectum* (o que está fora). Freud, que sempre se interessou pela Arte, também sempre considerou a Literatura como uma proficiente fonte de possibilidades para a clínica psicanalítica, aliás, até mais importante, em certos casos, do que os próprios estudos médicos.

Justificativa posta. Estilhaçamento, fragmentação, sujeito dividido e perda do “eu” unitário e autônomo, na modernidade, confirmados, espelhos velados, agora, interessa-me a tentativa do encontro, a busca narcísica, ainda que ilusória – todavia o que não é ilusão? – da completude. Interessa-me o caleidoscópico jogo de transformar caquinhos de vidro e de espelhos em deleite estético, em desvelado prazer dos sentidos, em coerência em meio à incoerência, *obscurum per obscurius* – o obscuro pelo mais obscuro.

Interessa-me a travessia lacaniana – roseana – do imaginário para o simbólico e, então, para o real e, quem sabe, com ela, para um novo anseio de configuração do ato e do sentido de se olhar, de se mirar, no espelho. E como não conheço outro caminho que, ao menos neste momento de minha vida, considere mais profícuo, mais sedutor, mais significativo para essa busca, para uma ilustração da busca, detenho-me no poético e no vislumbre especular do humano no poético. E, com isso, volto-me à poesia de Fernando Pessoa – poeta criador de outros tantos poetas – e a um sublime e enigmático poema seu – do próprio Pessoa, não dos heterônimos – intitulado “Eros e Psiquê”.

## **Eros e Psiquê**

**Conta a lenda que dormia  
Uma Princesa encantada  
A quem só despertaria  
Um Infante, que viria  
De além do muro da estrada.**

**Ele tinha que, tentado,  
Vencer o mal e o bem,  
Antes que, já libertado,  
Deixasse o caminho errado  
Por o que à Princesa vem.**

**A Princesa Adormecida,  
Se espera, dormindo espera,  
Sonha em morte a sua vida,  
E orna-lhe a fronte esquecida,  
Verde, uma grinalda de hera.**

**Longe o Infante, esforçado,  
Sem saber que intuito tem,  
Rompe o caminho fadado,  
Ele dela é ignorado,  
Ela para ele é ninguém.**

**Mas cada um cumpre o Destino  
Ela dormindo encantada,  
Ele buscando-a sem tino  
Pelo processo divino  
Que faz existir a estrada.**

**E, se bem que seja obscuro  
Tudo pela estrada fora,**

E falso, ele vem seguro,  
E vencendo estrada e muro,  
Chega onde em sono ela mora,

E, inda tonto do que houvera,  
À cabeça, em maresia,  
Ergue a mão, e encontra hera,  
E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia.

*Fernando Pessoa*

Para Freud, em sua “Introdução ao narcisismo”, um recém-nascido não concebe nada nem ninguém como fora de si. “O narcisismo primário – afirma Freud – designa um estado precoce em que o sujeito investe toda a sua libido em si mesmo. O objeto de investimento libidinal passa a ser o próprio ego, o próprio corpo. É o momento em que a criança toma a si própria como objeto de amor, antes de escolher objetos externos”. A criança está adormecida de exterioridade, vivendo da ilusão real do nada além de si mesmo e anterior à linguagem, a criança está, na “libido do ego”, ensaiando a “libido objetual”, a pulsão libidinal, ainda adormecida, feito a princesa Psiquê do início do poema, também adormecida – para a vida, para Eros –, criança Psiquê – criança psique<sup>2</sup> –, ainda não desperta de tempo e de espaço, só, desencantada, despreparada para o amor, para a libido, para Eros, mas em busca dele, à espera dele: **“Conta a lenda que dormia/ Uma princesa encantada...”**.

As pulsões sexuais e a libido – orienta-nos Freud – estão, de início, na mais tenra idade da criança, ligados apenas à satisfação dos instintos, dos impulsos do ego; adormecidas para tudo além da auto-conservação, da sobrevivência, do que é fome, do que é sede, do que é instinto de matar fome e sede, de saciar-se e satisfazer-se. Somente depois é que elas vão se tornando, aos poucos, independentes destes e, mesmo então, encontramos ainda, nos recém-nascidos, uma indicação dessa vinculação original no fato de que os primeiros

---

<sup>2</sup> Do grego *psychein* ("soprar"), **psique** é uma palavra ambígua que significava originalmente "alento", "respiração", e, ao mesmo tempo, "sopro". Dado que o alento é uma das características da vida, a expressão **psique** era utilizada como sinônimo de vida e, por fim, como sinônimo de alma, considerada o princípio da vida. Segundo o mito grego de Eros e Psiquê, a **psique**, união do Amor e da Alma, é, portanto, a "alma das sombras", por oposição à "alma do corpo". A vida de Psiquê, sem Eros, não tem sentido, então a jovem vaga pelo mundo, mergulha nas trevas, em busca da reconquista do Amor perdido.

objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, seus cuidados e proteção: isto é, no primeiro caso, sua mãe ou quem quer que a substitua.

Nesta etapa do crescimento, a criança, mesmo sem a menor consciência disso, começa a se abrir para quem a protege, começa a despertar, a descerrar os olhos para o mundo que a envolve e para as possibilidades e promessas do amor no mundo e do mundo que a envolve, exterior a ela, introjetado nela, feito uma princesa Psiquê adormecida de Eros, inconsciente de tudo e de todos, mas não de todo inconsciente de si e de seus anseios, de sua sede e fome de satisfação, à espera da proteção de seu amante Infante que ela, a princesa, a criança, ainda nem imagina ou sabe que há ou, onde, para além de seu sonho de ilusão, pode ou poderá estar, mas que, entretanto, já espera. E, na espera, aprende também a buscar, aprende, sem verbalizar, sem linguagem, o primevo conceito, o (antes) conceito, de esperar, da esperança.

**Conta a lenda que dormia  
Uma Princesa encantada  
A quem só despertaria  
Um Infante, que viria  
De além do muro da estrada.**

Freud, tratando do narcisismo secundário, da abertura para o amor objetal e para aquilo que se encontra “além do muro da estrada”, continua nos dando à luz informações importantes sobre o decifrar não apenas do aprendizado libidinal da criança, mas, também, sobre o aprendizado da busca – e da espera – do outro, por nós, em nós e em nossas relações eróticas, amorosas e libidinais, relações essas metaforicamente ilustradas no poema de Pessoa, com o qual ora dialogamos na tentativa especular de melhor mirar, em meio às sombras, a relação entre Eros e Psiquê, entre o amor e o inconsciente, entre o amante e o escolhido – esperado – objeto amado, o eu e o outro. Assim diz Freud:

“Existem mulheres que não têm de esperar por um filho a fim de darem um passo no desenvolvimento do narcisismo (secundário) para o amor objetal. Antes da puberdade, sentem-se masculinas e se desenvolvem de alguma forma ao longo de linhas masculinas; depois de essa tendência ter sido interrompida de repente ao alcançarem a maturidade feminina, ainda retêm a capacidade de anseio por um ideal masculino — ideal que é de fato

uma sobrevivência da natureza de menino que outrora possuíram. O que eu disse até agora à guisa de indicação pode ser concluído por um breve sumário dos caminhos que levam à escolha de um objeto. Uma pessoa pode amar: (1) Em conformidade com o tipo narcisista: (a) o que ela própria é (isto é, ela mesma), (b) o que ela própria foi, (c) o que ela própria gostaria de ser, (d) alguém que foi uma vez parte dela mesma. (2) Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação): (a) a mulher que a alimenta, (b) o homem que a protege, e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar.”

Aparentemente, o investimento narcísico primário na constituição do “eu”, a “busca nas trevas”, parece ser fundamental como processo constituinte para o investimento libidinal e anaclítico (de ligação a um objeto externo, um outro), secundário, no amor. Psiquê, princesa adormecida, não espera um infante qualquer, espera o **seu** Infante sonhado, que, “tentado”, para além do “bem” e do “mal”, viria a ela, de fora, do além do muro da estrada, todavia delineado já pelo caminho a ele destinado, libertado do caminho errado, vem, para ela, dela, do que é, do que foi e do que ela gostaria de ser.

E é essa dormência ao externo, primeva e original, que oferecerá à princesa, ao infante, a todos nós, à Psiquê mítica e à psique humana, subsídios para delimitar, modelar, as escolhas, as decisões, as buscas, as esperas, o aprendizado para o anaclítico amor de ligação erótica com o outro.

**Ele tinha que, tentado,  
Vencer o mal e o bem,  
Antes que, já libertado,  
Deixasse o caminho errado  
Por o que à Princesa vem.**

Para Freud, entretanto, “a libido objetal atinge sua fase mais elevada de desenvolvimento no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de uma catexia objetal”. E é assim que, no poema: o protetor e vencedor Infante deixa “o caminho errado por o que à princesa vem”.

Porém, resta uma dúvida: o que é esse desistir da própria personalidade em favor de uma demanda externa? Seria esse objeto externo, de fato, externo, ou mera projeção do

interno escondido, sublimado, recalcado e projetado no outro, no fora, no espelho?... E qual seria o caminho certo ou o errado? O que seria vencer o mal e o bem? Seria isso o que pretendia o “tentado” sertanejo Riobaldo, apaixonado pela Diadorina, princesa adormecida em Diadorim, ao propor-se ao Pacto demoníaco – ou *daemônico* – desejando “ficar sendo”?... O que é interno? O que é externo? O que é bem? O que é mal?

Em sua posição esquizoparanóide, Melanie Klein nos propõe, ao tratar da criança recém-nascida até os seis meses de idade, uma cisão, uma ruptura entre o “seio bom” e o “seio mau” – o que alimenta e o que se ausenta, o amado e o odiado – e a dificuldade, no humano, de integrar bom e mau num mesmo objeto. A evolução desse conceito levou Melanie Klein a desenvolver a teoria da posição depressiva, na qual, entre outros processos, esse objeto clivado, partido, tenderia à síntese, sendo percebido então como “bom e mau” – a mãe é boa e é má, o outro é bom e é mal, o objeto amado é bom e é mau – contrastando com o estágio anterior “bom **ou** mau”.

“Vencer o bem e o mal”, como antíteses, pela alegórica imagem do Infante do poema, talvez seja o desejo de integração, de compreensão, de percepção de que não há a saudável possibilidade de se optar entre um ou outro, entre o que é bom e o que é mau, tentando interiorizar aquilo que, supostamente, é “bom”, em nome de extirpar o que, hipoteticamente, é “mau”, mas, antes, faz-se necessário, primordial, perceber-se que bem e mal andam de mãos dadas, e vencê-los é vencer a conjunção alternativa “ou” em nome da aditiva “e”, é vencer a fragmentação, a cisão, os impulsos destrutivos e a angústia persecutória oriundos desse cindir, dessa segmentação, assim como é também vencer os processos de onipotência, de idealização, de negação e de controle dos objetos internos e externos, compartimentalizados e segmentados entre “bons” **ou** “maus”.

Ultrapassar a posição esquizoparanóide é reconhecer a mãe, o outro, o ser amado, a princesa adormecida, o Infante, como pessoas totais, com existências próprias e independentes, fontes de experiências boas e más. A criança – assim como um apaixonado amante – compreende pouco a pouco que ela ama e odeia a mesma pessoa, sua mãe – sua amada – e, assim, inaugura a experiência do chamado sentimento de ambivalência. E, depressivamente, inaugura a essencial experiência do medo, da culpa, da dúvida, da insegurança, do luto ante essa ambivalência, da perda e do temor de (se ) perder.

**A Princesa Adormecida,  
Se espera, dormindo espera,  
Sonha em morte a sua vida,  
E orna-lhe a fronte esquecida,  
Verde, uma grinalda de hera.**

A ambivalência, a dialética relação com os opostos, a experiência do paradoxo e da possibilidade da perda do ser amado, do se perder no ser amado, do ser perdido pelo objeto adorado, são condições inerentes ao humano e à travessia do humano, e são fundamentais, segundo Melanie Klein, para o amadurecimento psíquico e emocional do Homem. Se, antes, o bebê temia a destruição do objeto amado por perseguidores, agora ele teme que sua própria ambivalente agressão possa destruir o objeto amado e odiado, que o ama e o odeia. Sua angústia deixa de ser paranóide para ser depressiva. E assim começam a se originar os sentimentos de culpa e de luto: sonhos em morte da vida. A princesa adormecida sonha em morte a sua vida e já não sabe se espera, contudo, dormindo, espera. E tem, sobre a fronte esquecida – esquecida? –, a orná-la – orná-la? –, uma grinalda de hera.

A hera, entre os gregos, era cultuada por manter-se verde em todas as estações, como símbolo da força vegetativa e da persistência do desejo. Ao mesmo tempo, ainda entre os gregos, a mesma hera era um símbolo feminino representativo daqueles que precisam de proteção. Na mitologia, também grega, Hera é a deusa do casamento – equivalente a Juno, na mitologia romana – e regia a fidelidade conjugal. Por mais que haja a dúvida, o temor, a insegurança, a princesa adormecida orna-se de hera, reveste-se de um desejo persistente e sempre verde de busca por proteção e aconchego, pulsão libidinal e Eros, erótico amor e realização satisfatória do amor por Eros, consagração do amor pelo próprio Amor.

Através da aceitação da perda ou da possibilidade da perda é que se obtém a melhor saída da labiríntica posição depressiva: o bebê passa a trabalhar saudavelmente a construção de sua subjetividade, a princesa adormecida, o Infante que a procura, o amante, o amado, reconhece(m), na paixão, a possibilidade do Amor, descobre(m), no que se quebra ou no que se pode quebrar, a esperança da reparação. E, mesmo sofrendo, mesmo angustiado(s), não desiste(m). Não desistimos. Pois sabemos que abrir mão da busca, da espera, da exteriorização, da relação objetual, é adoecer de uma dor maior. É perder-se num mundo sem sonhos, num mundo de esquizofrênica realidade delirante, num outro sono. Por

isso, mesmo diante do incerto, mesmo ignorando os percursos, mesmo sem tino, prosseguimos a cumprir nosso destino... estrada a dentro, estrada a fora.

**Longe o Infante, esforçado,  
Sem saber que intuito tem,  
Rompe o caminho fadado,  
Ele dela é ignorado,  
Ela para ele é ninguém.  
Mas cada um cumpre o Destino  
Ela dormindo encantada,  
Ele buscando-a sem tino  
Pelo processo divino  
Que faz existir a estrada.**

Para Melanie Klein, nós sempre estaremos vivendo as posições esquizoparanóide e depressiva no transcorrer de nossas vidas. Clivados e reintegrados, ciclicamente teceremos – com bem e mal – momentos maus e bons, compartilhados com pessoas boas e más. Sempre de forma alternada, sempre em dúvida, sempre ignorando e ignorados, quebrando e reparando, ganhando e perdendo, sem tino, sem saber que intuito tem, mas esforçados. Sempre esforçados. Essas são as únicas formas de se viver e de se trilhar de modo são, saudável – o que é sanidade? O que é saúde? – a angustiante, terrível, trágica – todavia emocionante, apaixonante – vida humana fadada pelo “processo divino que faz existir a estrada”. *Obscurum per obscurius* – o obscuro pelo mais obscuro.

**E, se bem que seja obscuro  
Tudo pela estrada fora,  
E falso, ele vem seguro,  
E vencendo estrada e muro,  
Chega onde em sono ela mora,**

Jacques Lacan, em seu “O estágio do espelho”, apoiado nas teorias freudianas, faz-nos saber que, aproximadamente entre os seis e dezoito meses de idade, um bebê ainda não tem a vivência completa, a percepção delineada, integrada, do seu corpo, pelo contrário ele

percebe ou concebe seu corpo como sendo uma fragmentação, uma dispersão de partes separadas, estilhaços de ser.

Diante de um espelho, o bebê não se vê, vê um outro, partes de um outro em pedaços. Assim tendo de si, em si, uma espécie de vivência de despedaçamento. Daí a criança começa a conquistar a totalidade de seu corpo através – ou por meio – do “espelho”, representação metafórica do vínculo entre a mãe e a criança, entre o olhar da mãe e o da criança a espelhar-se nesse olhar de mãe, de um outro que, aparentemente, ainda ela acredita ser parte integrante de si, todavia externa a ela. Essa metáfora, segundo Lacan, trará à criança uma dimensão imaginária, a qual lhe permitirá, mais tarde, a construção da ilusão simbólica de completude. É nesse “espelho” que a criança inaugurará a totalidade do corpo, por meio dessa imagem focada, fora de si. Fazendo alusão ao poema de Pessoa, e a relação entre Eros e Psiquê, o amante e a amada, o sujeito e o objeto, o resto é “falso”, o resto – ainda – não existe. E verá a criança, no metafórico reflexo especular diante e adiante de si, um ser uno, total, todavia, no ser, um outro, o outro no outro que não consegue, ainda, perceber tratar-se de si mesmo. Feito o Infante do poema de Fernando Pessoa, a criança busca “em sono” o objeto externo a ela, nela.

Aludindo Lacan, a mãe seria o espelho metafórico da criança e é ela que contribuirá para a visão desse outro, do outro no outro, e para a ponte sujeito e objeto, pulsão de ego e pulsão objetual. Então, é lá fora que a criança se descobre. E quando a criança se dá conta de que esse outro, espelhado na fria e plana superfície metafórico-especular do espelho, do “espelho”, é ela mesma, quando ela intui que a aparência do “desconhecido”, externo a ela, já é a sua própria aparência, reagirá com júbilo, satisfeita, diante da imago, do “ego ideal”, todavia é nessa imagem do outro que a criança irá se alienar, irá se encontrar com a linguagem, linguagem essa que a precede, está antes dela, foi construída pelo outro com leis externas a ele para também construí-la e inseri-la no mundo. E, mesmo ainda tão nova, é essa linguagem que lhe servirá para a conformação com esse mundo, com a realidade, e para a relação com o outro, o falante, na constituição de sua própria trajetória de fala, de utilização significativa da linguagem, “vencendo estrada e muro”, pelas linhas e entrelinhas de um (outro) simbólico e poético, rumo ao campo do imaginário, ao campo narcisista, ao campo da busca, do encontro e do desencontro consigo, com o outro, com o mundo. “A criança se alimenta tanto da palavra quanto do pão”, afirmou Lacan.

A criança vai, pouco a pouco, se conhecendo, reconhecendo-se, a si mesma, pelo reflexo e pelo eco de quem lhe fala, de quem dela fala, de como ela é falada – pela voz da mãe, pela voz do outro – e este encontro, este reencontro, vai personalizando-a, representando-a auditivamente por meio da linguagem, através de seu próprio nome pronunciado pelo outro e pelas percepções daquilo que ela conhece e reconhece, e que traz consigo as especificidades dela e daquela pessoa outra, repetidamente encontrada e reencontrada. O metafórico “espelho” se transforma, de fato, num espelho.

**E, inda tonto do que houvera,  
À cabeça, em maresia,  
Ergue a mão, e encontra hera,  
E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia.**

Ao ver e sentir a coroa de hera – símbolo da persistência do desejo e consagração da fidelidade e da proteção para aqueles que dela precisam – em sua própria cabeça, o Infante descobre que ele mesmo era a Princesa que dormia. Ele era a busca e o ser buscado, a espera e o esperado, a conquista e o conquistado, o amante e o amado. É dele a proteção que ele mesmo necessita, no amor, em si, no outro. “Eros e Psiquê” é o iniciático caminho do amor pelo próprio amor. Já dizia o poeta Drummond: “Amar se aprende amando.” E ousa uma liberdade poética: “Amar se aprende (se) amando”.

O narcisismo, segundo Ernesto Duvidovich, em “Narcisismo, uma patologia do nosso tempo”, aludindo a Freud, é “tão necessário para o próprio processo de subjetivação do sujeito que a falta dele – no sentido adjetivado – é tão prejudicial quanto a sua sobra [...] é através dele que o sujeito ganha seu primeiro desenho de um corpo, de uma superfície capaz de engendrar um Eu, que se diga de passagem ficará, uma vez constituído, para sempre ameaçado de fragmentação, de desaparecimento da unidade, isto é, de morte; sendo necessário um constante investimento e um constante esforço para sua manutenção”.

O Infante, agora, tem um corpo narcisisticamente delineado, pode despertar sua princesa adormecida, pode sair de seu sonho e encarar o mundo real – real?... O que é real?... Depois, vem a vivência da castração, a ferida narcísica aberta do descentramento que é o Édipo, a desilusão, o princípio da realidade, a busca de um novo algo, um novo outro

que o complete, que lhe desperte amor, a espera de uma nova ilusão de completude, de um novo Eros, de uma nova Psiquê, de um outro aprendizado poético e psicanalítico de “Eros e Psiquê”, de um novo ESPELHO... E o cindir-se de novo para o se (re)encontrar adiante. Mas isso são outros poemas, outras buscas e esperas, outras histórias e estórias, outros ensaios. E o silêncio.

## **Bibliografia**

**BÍBLIA DE JERUSALÉM.** São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

**BLEICHMAR & BLEICHMAR.** “A psicanálise depois de Freud”, Cap. V. “Melanie Klein”, Editora Artes Médicas, Porto Alegre.

**BLEICHMAR & BLEICHMAR.** “A psicanálise depois de Freud”, Cap. VI. “Melanie Klein”, Editora Artes Médicas, Porto Alegre.

**BOSI,** Alfredo. “Frase, música e silêncio”. In: *O ser e o tempo da poesia*. 6ª ed. São Paulo: companhia das Letras, 2000.

**DUVIDOVICH,** Ernesto. “Uma patologia do nosso tempo” in: conferência para o “Terceiro Encontro do Reich no Sedes”, em 15/09/1990.

**FREUD,** Sigmund. “Sobre o narcisismo: uma introdução”. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (Volume XIV): (1914)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. “Parapraxias - Conferência número 1: Introdução à Psicanálise”. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud (Volume XV): Conferências introdutórias sobre Psicanálise - Partes I e II (1915-1916)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

**HOLANDA,** Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio: Nova Fronteira, 2ª ed., 1986.

**LACAN,** Jacques. “O estágio do espelho como formador da função do eu”, in: “Escritos” p. 96 a 104.

**LISPECTOR,** Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Editora Círculo do Livro, 1973.

\_\_\_\_\_. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

**PESSOA,** Fernando. *Obras Completas*. Editora Nova Aguilar. Rio de Janeiro.

**ROSA,** João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

**2º Semestre 2013**

**Ciclo III**

**Aluno: Elen Fernanda Assunção Chaves**

**Título: *O choro diante do berço: o luto na chegada de uma criança não desejada***

**BEM VINDO À HOLANDA!**

Por Emily Perl Knisley

Frequentemente sou solicitada a descrever a experiência de dar à luz uma criança com deficiência. É uma tentativa de ajudar pessoas, que não têm com quem compartilhar essa experiência única, a entendê-la e imaginar como é vivenciá-la.

Seria como...

Ter um bebê é como planejar uma fabulosa viagem de férias para a Itália! Você compra montes de guias e faz planos maravilhosos! O Coliseu. O Davi de Michelangelo. As Gôndolas em Veneza. Você pode até aprender algumas frases simples em italiano. É tudo muito excitante.

Após meses de antecipação, finalmente chega o grande dia! Você arruma suas malas e embarca. Algumas horas depois você aterrissa.

O comissário de bordo chega e diz: - “BEM VINDO À HOLANDA!”

“Holanda!? Diz você, o que quer dizer Holanda?!? Eu escolhi a Itália! Eu devia ter chegado à Itália. Toda a minha vida eu sonhei em conhecer a Itália” Mas houve uma mudança de plano de vôo. Eles aterrissaram na Holanda e é lá que você deve ficar.

A coisa mais importante é que não te levaram a um lugar horrível, desagradável, cheio de pestilência, fome e doença. É apenas um lugar diferente. Logo, você deve sair e comprar novos guias. Deve aprender uma nova linguagem. E você irá encontrar todo um novo grupo de pessoas que nunca encontrou antes.

É apenas um lugar diferente. É mais baixo e menos ensolarado que a Itália. Mas, após alguns minutos, você pode respirar fundo e olhar ao redor... e começar a notar que a Holanda tem moinhos de vento, tulipas e até Rembrandts e Van Goghs.

Mas todos que você conhece estão ocupados indo e vindo da Itália... e estão sempre comentando sobre o tempo maravilhoso que passaram lá. E por toda a sua vida, você dirá: “Sim, era onde eu deveria estar. Era tudo o que eu havia planejado.” E a dor que isso causa, nunca, nunca irá embora. Porque a perda desse sonho é extremamente significativa.

Porém... se você passar a sua vida toda remoendo o fato de não haver chegado à Itália, nunca estará livre para apreciar as coisas belas muito especiais... sobre a Holanda.

*(Trecho extraído do texto de Sandra Mary Mansueti Ribeiro. Sandra comemora o aniversário de 10 anos de seu filho Gabriel. [depoimento on line]. Disponível em <http://www.saci.org.br/?modulo=akemi&parametro=3054>. Outubro de 2002).*

## **JUSTIFICATIVA**

Mais uma vez trago um recorte de minhas experiências em uma das escolas onde atuo. Sou professora da rede municipal de ensino de São Paulo, trabalho em Salas de Apoio e Acompanhamento à Inclusão, onde atendo crianças e adolescentes com deficiência, no período inverso em que frequentam a sala de aula regular.

A escola da qual trago este caso atende alunos do primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental. É muito conceituada e considerada uma referência na região onde está inserida, no que se refere à escola pública de qualidade e no atendimento a alunos com deficiência, na perspectiva de uma educação inclusiva. Muitas mães, cujos filhos saem da Educação Infantil e são encaminhados para outras escolas, entram com uma ação no Ministério Público, para conseguirem transferência para esta escola, alegando que somente ela está preparada e em condições de atender as demandas de seus filhos. Muitas conseguem êxito, como é o caso desta história que vou contar.

## **DESENVOLVIMENTO**

Gostaria de me atrever a fazer uma comparação entre o caso que trago neste trabalho e o texto referente ao tema Luto e Melancolia, uma vez que acredito ser o

primeiro o ponto crucial deste caso. Não vou falar muito da criança que atendo, pois o meu foco será a sua mãe.

Mateus (assim vou chamá-lo), quando terminou a educação infantil, foi encaminhado para uma escola estadual, e sua mãe entrou com recurso via Ministério Público, para que ele conseguisse ser encaminhado para a escola municipal na qual eu trabalho, alegando que esta possui acessibilidade e um trabalho em sala de apoio, como o seu filho necessitava. Mateus possui deficiência intelectual e mielomeningocele, faz uso de cadeira de rodas. O pedido de transferência de escola foi aceito e autorizado pelo juiz, e ele então foi encaminhado, para efetuar matrícula na escola que era o “sonho de sua mãe”.

Mateus ingressou nesta escola no primeiro ano do Ensino Fundamental. Hoje está no terceiro ano. Ana – assim vou me referir à mãe - conhece todas as legislações que tratam de Inclusão, e que tratam dos direitos de seu filho, seja na escola ou na sociedade.

Matrícula feita, na mesma semana eu entrei em contato com ela para agendar uma entrevista e realizar a matrícula na sala de apoio, e ela disse que estava realmente esperando pela minha ligação, já sabia quem eu era, o meu nome e a minha formação.

Ao longo deste período de três anos, a escola, que era o sonho desta mãe, passou a ser alvo de críticas e reclamações constantes. Para Ana, a professora de Inglês não sabe dar aula para o menino, a de Educação Física também não sabe, e assim por diante. Há várias histórias que eu poderia citar aqui, porém, gostaria de trazer apenas duas: a primeira é que, em um passeio cuja empresa de ônibus não dispunha de um transporte adaptado, fizemos acordo com um condutor da escola, que este levaria o Mateus na van - que é adaptada para cadeira de rodas - junto com alguns amigos, para que ele não fosse sozinho. A mãe, não satisfeita, ligou na empresa de ônibus, xingou o dono, reclamou e falou, em nome da escola, que esta jamais contrataria seus serviços, por não ter ônibus acessíveis para o seu filho, que iria processar a empresa, e isto nos deu um grande problema. A segunda foi no dia da festa junina, que, ao final da dança, Ana xingou a professora, alegando que a dança não contemplou todas as possibilidades de seu filho, e ela ficou envergonhada perante a sua família, que foi assisti-lo. Ela agrediu verbalmente a professora, usando termos muito grosseiros, em meio à festa, que contava com a participação de toda a comunidade escolar.

Após este fato, e depois de uma conversa com o diretor e a coordenadora da escola, ela solicitou uma conversa comigo, como é de costume, para esclarecer algumas

dúvidas. Constantemente, ela solicita uma conversa comigo para pedir orientações e reclamar as formas como as professoras trabalham, e eu oriento e justifico, uma vez que acompanho todo o trabalho desenvolvido na escola.

Neste dia, ela falou que ficou muito triste em razão da dança não ter explorado as possibilidades de Mateus; que ela ficou envergonhada diante de sua família, que esperava muito mais dele, que todos já a culpam pela deficiência do menino, e diante desta dança ela realmente se sentiu humilhada ao ver que Mateus não fez os movimentos que ela esperava. Coloquei para ela o fato de que a dança foi toda adaptada para que Mateus pudesse participar, e ela avaliou apenas o produto final (que parece ter sido ruim somente para ela), e desconsiderou toda a organização e o empenho da professora.

Nesta época, Mateus faria uma cirurgia na medula (que seria na outra semana), e eu perguntei a ela como estava esta questão para o menino, uma vez que ele conversou muito comigo sobre isso, dizendo que estava com medo da cirurgia, medo de sua mãe não ficar com ele no hospital, medo de seu pai não ir visitá-lo, e medo de ficar longe de mim e de seus amigos, pois ia sentir falta de todos nós e da escola. Ana disse que não estava conversando com Mateus sobre a cirurgia, pois, para ela, ele não compreendia o que estava acontecendo, e se surpreendeu com a minha fala sobre a conversa que eu tive com ele.

Aproveitei este momento para mostrar (novamente) para ela os avanços de seu filho, que ela parecia não estar se dando conta. Desta forma, coloquei a seguinte questão – que é o viés deste meu trabalho – *“Ana, você parece estar olhando somente para a deficiência do seu filho, é preciso um olhar mais atento para as coisas que ele realiza, para o seu desenvolvimento... enfim, para ELE”*.

Disse isso em razão da mãe não haver percebido os avanços apresentados pelo seu filho, que já dá formas para seu desenho, faz as letras do nome, pois antes fazia apenas rabiscos dispersos pela folha. Ela olha então suas atividades com um olhar bastante surpreso, enquanto eu viro as folhas, apresentando suas produções.

Ana parece subestimar o filho quando fala que ele não sabe da cirurgia, o que demonstra o quanto esta criança não é ouvida dentro de sua casa. Seu medo de que a mãe não esteja no hospital no momento da cirurgia revela o quão ausente é esta mãe, no que se refere à atenção, afeto, segurança, companhia, entre outras tantas coisas que são necessárias na vida de uma criança, para além das leis, que são de total conhecimento da Ana.

“[...] o objeto amado não existe mais, passando a exigir que toda a libido seja retirada de suas ligações com aquele objeto. Essa exigência provoca uma oposição compreensível – é fato notório que as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo, na realidade, quando um substituto já se lhes acena. Esta oposição pode ser tão intensa, que dá lugar a um desvio da realidade e a um apego ao objeto por intermédio de uma psicose alucinatória carregada de desejo”. (FREUD: 2010, p. 173-174).

Sinto que esta mãe ainda está em uma fase que chamamos de luto, ou seja, no momento em que o bebê nasce, ou durante o seu desenvolvimento intra ou ultra-uterino, em que à mãe é dada a notícia de que seu filho possui uma deficiência. É como se o filho que foi idealizado, desejado, morresse e desse lugar a este outro filho, que não foi idealizado, mas que é o bebê real. Quando a mãe sai do luto é que ela começa a ir à luta, buscar tratamentos, acompanhamentos, e outros direitos de seu filho. Com Ana, percebo que, apesar de ter ido à luta, ela ainda mantém um forte luto, que a impede de enxergar seu filho e suas possibilidades e, no lugar disso, vê somente a deficiência e suas limitações.

Ana relata que sua família a culpabiliza pela deficiência do filho, uma vez que a Mielomeningocele é o resultado da falta de ácido fólico, que deve ser preenchida por vitaminas tomadas ao longo da gestação. Ana afirma ter tomado estas vitaminas, ter feito pré-natal conforme orientação, porém angustia-se com as cobranças de seus familiares e mostra-se exigente com Mateus, especialmente quando ele faz algo que toda a família vai presenciar (como uma apresentação, por exemplo). Parece “expressar-se sob forma de auto-recriminação, no sentido de que a própria pessoa enlutada é culpada pela perda do objeto amado, isto é, que ela desejou” (FREUD: 2010, p. 183). Inconscientemente, ela busca lançar esta culpa, que lhe foi atribuída, a alguém que, de alguma forma, tem a responsabilidade sobre Mateus, no momento em que ele está na escola. Fico surpresa com o fato de ela nunca ter me responsabilizado por algo; pelo contrário, parece que sou a única pessoa em quem ela, de fato, e até o momento, deposita certa confiança, enquanto intermediária, que faz o elo entre a deficiência e o seu filho.

Em conversa com o diretor da escola, solicitei que esta mãe, assim como as outras, tivesse acesso restrito pelas dependências da unidade, entrando somente nos

momentos em que sua presença é solicitada ou com agendamento prévio. Ela precisa desta organização.

Ana, talvez, ainda não se deu conta de que, em todas as ocasiões em que opõe-se à escola, em que reclama na Diretoria de Ensino sobre o trabalho dos professores de seu filho, ela é encaminhada a mim, para que eu faça as orientações devidas e resolva a situação junto a ela. Ao final de todas as suas brigas e reclamações, ela é encaminhada para a professora que atende seu filho na sala de apoio, e que tem um olhar para ele que vai além das suas limitações, da sua deficiência. E ela sempre vem; mesmo quando eu não solicito, Ana me cobra esta conversa com ela. Parece que o trabalho com Mateus gera menos demanda do que o trabalho com a sua mãe.

Começo a pensar o quanto Ana tem sido invasiva na vida de seu filho: tentando acertar, muitas vezes ela erra, pois vejo que Mateus sente-se pressionado, não visto, uma vez que a ele é dado somente o título de “filho deficiente”, especialmente quando é comparado ao seu irmão mais novo, que não possui nenhuma deficiência. A escola parece ser o único espaço onde Mateus, de fato, tenha um lugar. E este lugar é invadido pela mãe, por isso faço uso da metáfora quando afirmo que “a mãe o invade”.

Vejo Ana em situação de busca constante, busca que visa preencher uma falta – que nem ela mesma sabe o que é – falta do filho ideal que ela não teve, como se, fazendo uso da lei, ele pudesse voltar. Entendo as angústias desta mãe; mas me angustia o fato de ela sempre anular o menino, dando lugar somente à sua deficiência. A cada dia percebo que ela não vê o filho e seus progressos, vê apenas a deficiência e as leis. Isto talvez se deva ao fato de um luto não feito. É importante que ela saiba que afeto não tem nada a ver com legislação, e é preciso que ela tenha os dois. Associo isto ao luto porque, “no luto, é o mundo que se torna pobre e vazio” (FREUD: 2010, p.175-176). Isto me faz perceber o quanto que, para Ana, o mundo deixa de ter sentido quando nele não há uma intervenção jurídica, envolvendo leis, que fazem parte do seu conteúdo de conversação a todo instante que inicia diálogo.

Sei que ainda temos muito a caminhar para construir uma escola e sociedade que sejam, de fato, inclusivas e acessíveis. Porém a caminhada é lenta, o processo concretiza-se em longo prazo, e Ana não pode desconsiderar este processo, avaliando somente o produto final, ou seja, o que está acessível aos seus olhos, pois os bastidores, ah, os bastidores de uma escola nenhuma mãe vê. Eu vejo. E é de extrema dedicação. A cada instante, uma nova ideia, um novo projeto, a certeza de que cada aluno é único, e é isto que faz com que esta escola seja, de fato, para todos.

Ana adentra a escola a qualquer momento. Mateus utiliza sonda, e o fato de não confiar na pessoa que tem a responsabilidade pelo processo faz com que esta mãe vá à escola todos os dias; e é neste momento que entra nas salas, assiste às aulas, critica os professores, fazendo recortes de um trabalho que não se dá em um único dia. Tudo o que Ana consegue parece ser endereçado a uma pessoa que não existe – filho imaginário - fruto de sua fantasia. Toda a demanda que gera é para algo que não vê (Mateus). Lidar com a própria culpa, para Ana, é lançar fora dela tudo de ruim que há nesta criança, atribuindo às leis a possibilidade de superação de suas limitações. Com isso, Ana busca o filho idealizado, aquele que não existe.

A deficiência de Mateus parece dar um lugar para a mãe, ao mesmo tempo em que anula o menino como sujeito. É interessante ver como Ana não consegue enxergar suas produções e seus avanços, o que demonstra o quanto está amarrada nas questões da deficiência, de um luto não feito, não concluído, não superado. Ana parece não ter se dado conta que esta criança, que veio no lugar de seu filho idealizado, tem sentimentos, tem potencialidades e possibilidades, é um sujeito de desejos, é uma criança. Acredito que, somente quando perceber os progressos de Mateus, será possível percebê-lo enquanto sujeito. Só assim a sua família também poderá dar um lugar a ele, que está sufocado nesta não relação.

Embora meu trabalho seja com Mateus, penso que é importante esta escuta da mãe, que somente com ajuda vai poder superar este processo de luto, e dar um lugar real para este menino. Orientei-a procurar um especialista, fazer uma análise, e ela disse recentemente que o fez, seguindo a minha sugestão (disse a ela que está muito ansiosa, e esta ansiedade está refletindo em Mateus, isso parece não estar fazendo-lhe muito bem).

Na clínica, sei que na maior parte das vezes, não conseguimos enxergar os casos pelos dois lados da história; penso que sou privilegiada em relação a isto, neste trabalho que realizo nas escolas. Com isso, vou adquirindo experiências, e vou levá-las para a clínica. Trazer esta história somente pelo viés da mãe, também fez com que, de certa forma, eu anulasse o menino, o que deixou claro que há uma separação muito grande entre ele e a sua mãe, e como esta fica enorme, a ponto de tomar um lugar que é do seu filho, e não dela.

Trabalhar com a mãe neste processo, ajudá-la a sustentar este peso referente ao luto e gradualmente superá-lo, possibilitará, em um futuro muito próximo, que Mateus tenha um lugar diante de sua família, e conseqüentemente em sua casa, na

comunidade em que está inserido, na sociedade em geral, sem que, para ele existir, tenha que haver a intervenção jurídica.

Dar um lugar para Mateus é constituí-lo enquanto sujeito, processo pelo qual ele parece ainda não ter passado.

### **Bibliografia:**

FREUS, Sigmund. *Luto e Melancolia* – Obras Completas vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras. 2010. Pág. 170 a 194.

Gil, Marta. *Educação Inclusiva: o que o professor tem a ver com isso?* (Texto: Bem vindo à Holanda). Pág. 71-71. Marta Gil, coordenação; texto de apresentação do Prof. Hubert Alquéres. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Ashoka Brasil, 2005.

Mocarzel, Evaldo. *Do Luto à Luta* (Documentário). Roteiro e direção de Evaldo Mocarzel. 2005.

**2º Semestre 2013**

**Ciclo IV**

**Aluno: Amilton Pereira Aires Filho**

**Título: *A escuta do delírio***

### **Preâmbulo**

A ideia para este texto surgiu de minha experiência durante o ano de 2013 no atendimento a pacientes internados na Casa de Saúde São João de Deus. Desde o início da formação venho trabalhando o tema da palavra, do silêncio, e dos atos verbais como sintoma. Quando me deparei com a narrativa de alucinações e de delírios, percebi que algo na minha escuta precisava ser mais bem trabalhado. A tentação inicial de desprezar os delírios foi grande, pois o que parece não fazer sentido a uma escuta neurótica dificulta sua compreensão, podendo levar o analista a desprezar material de suma importância no processo. Entretanto, me dando conta de que os delírios, mesmo que repetidos sempre traziam novos elementos a cada narrativa, passei a desconfiar de que, caso não dedicasse tempo e paciência, colocaria em risco a possibilidade de se construir algo com o paciente a partir do delírio, criando assim a possibilidade de um projeto terapêutico.

Afinal, o que se poderia escutar no delírio de um “louco”?

### **Introdução**

Prefiro começar a introdução da forma mais básica: A definição da palavra delírio. Como não há menções ao verbete nos dicionários de psicanálise que venho utilizando (Laplanche e Roudinesco), busquei definições nos dicionários de língua portuguesa, das quais extraí uma definição mais técnica, do dicionário Houaiss (vide abaixo). Fato é que esta definição não me oferece uma boa possibilidade de escuta, já que já define o delírio como uma consequência

de conclusões erradas por parte do delirante, restando ao analista “a prova de que está errado”.

Definições no dicionário Houaiss:

- 1 **psicop** convicção errônea baseada em falsas conclusões tiradas dos dados da realidade exterior, mantida por uma pessoa, ainda que a maioria dos membros do seu grupo pense o contrário e possa provar que está certa [O delírio se distingue da alucinação por ser independente das impressões sensoriais e por apresentar ideias supervalorizadas, rigidamente ligadas à crença delirante.]
- 2 **psiq** problema mental orgânico reversível, cujos sintomas são: decréscimo da vigilância, desorientação espaço temporal, confusão, ilusão, interpretação delirante da realidade, alucinações visuais, auditivas, táteis etc.

O que me parece mais útil é lançar mão da definição oferecida pelo dicionário Michaelis, que descreve o delírio como um “excesso de paixão ou sofrimento”, o que verdadeiramente corrobora o que venho aprendendo com a escuta de alguns pacientes.

Penso o delírio como uma das possíveis formações de compromisso pelo sujeito, e mais que isso, como um sintoma que não é exclusivo da psicose. O delírio está presente no universo de neuróticos, psicóticos e perversos, apresentando-se como formação inconsciente sintomática seja para oferecer uma experiência de satisfação ou uma defesa contra o desejo. Sendo assim, se há material inconsciente há conteúdo latente, e sua escuta pode dar ao psicanalista informação preciosa sobre o paciente. A escuta neurótica de um delírio psicótico pode ser trabalhosa, e até cansativa, mas é necessária. Em alguns casos, é o único material que o paciente pode oferecer para uma condução terapêutica ou analítica. A ideia deste trabalho é, a partir de recortes de sessões com um determinado paciente, demonstrar fatores diferenciais na escuta que corroboram conceitos fundamentais na diagnose de pacientes psicóticos, baseado numa breve introdução teórica sobre o conceito do mecanismo específico da psicose: A foraclusão.

### **Foraclusão**

Embora Freud tenha desde cedo identificado que a psicose tinha em sua origem um mecanismo específico, e tenha sustentado essa hipótese durante toda sua obra, uma sucessão de termos foi utilizada, e nenhum termo específico foi proposto por ele. Já em “Neuropsicoses de defesa” (1894), encontramos: “O eu rompe com a representação incompatível, esta, porém, fica inseparavelmente ligada a um fragmento da realidade, de

modo que, à medida que o eu obtém esse resultado, também ele se desliga, total e parcialmente, da realidade. Em meu ver, este último evento é a condição sob a qual representações do sujeito recebam as alucinações...”. É Jacques Lacan quem invoca a utilização que Freud fez por algumas vezes do termo “*Verwerfung*” como equivalente ao termo “foraclusão”, emprestado por ele do vocabulário jurídico. A escolha do termo não veio senão depois de exaustivo estudo e elaboração a partir da análise de Lacan de textos do próprio, já que a falta de um termo que descrevesse de forma mais exata do que se trata o mecanismo específico da psicose ainda criava dificuldades de diferenciação de termos como recalque, rejeição, recusa ou negação. Apoiado no texto do “Homem dos Lobos”, onde o substantivo “*Verwerfung*” e o verbo “*verwerfen*” aparecem diversas vezes, é que Lacan propõe pela primeira vez, em 1954, o uso do termo foraclusão. Neste texto de 1918, Freud explica que a gênese do reconhecimento e do desconhecimento da castração em seu paciente passava por uma atitude de rejeição (*Verwerfung*) que consistia em só ver a sexualidade por um prisma infantil. Neste texto Freud mostra como elementos percebidos quando da cena primitiva só receberão “*a posteriori*” o seu sentido e sua interpretação. No momento da primeira experiência traumática – com um ano e meio – o sujeito era incapaz de elaborar, sob a forma de uma teoria de castração, esse dado bruto que seria a ausência de pênis na mãe. Para ilustrar essa colocação, ele evoca uma alucinação que seu paciente tivera na infância: este vira seu dedo mínimo cortado por um canivete, apercebendo-se em seguida da ausência de ferimento. A propósito da “rejeição de uma realidade apresentada como inexistente”, Freud sublinhou que isso não era recalque, pois um recalque é algo diferente de uma rejeição.

Dois anos depois, Lacan retoma a distinção Freudiana entre neurose e psicose, para lhe aplicar a terminologia segundo a qual, na psicose, a realidade nunca é realmente escotomizada. Após comentar a paranoia de Schreber e criar o conceito de Nome-do-pai, Lacan propõe traduzir o termo *Verwerfung* por Foraclusão. Entendia-se por fim o mecanismo específico da psicose, que consiste na rejeição primordial de um significante fundamental para fora de um universo simbólico do sujeito. Distingue-se do mecanismo do recalque, pois neste o significante foracluído ou o significante que os representam não pertencem ao inconsciente do sujeito, mas retornam (no real) por ocasião de uma alucinação ou de um delírio, que invadem a fala e a percepção do sujeito.

### **Nome-do-Pai**

O termo foi criado por Jacques Lacan em 1953, em um comentário do caso do Homem dos Ratos, e conceituado em 1956, para designar o significante da função paterna. Apoiado no livro “As estruturas de parentesco” de Claude Levi-Strauss, Lacan demonstra que o Édipo freudiano poderia ser pensado como uma passagem da natureza para a cultura. Nesta perspectiva, o pai exerce uma função essencialmente simbólica: Nomeia, dá seu nome e através deste ato encarna a lei. Por conseguinte, se a sociedade humana é dominada pelo primado da linguagem, isso quer dizer que a função paterna não é outra coisa senão o exercício de uma nomeação que permite à criança adquirir sua identidade.

Em 1956, em seu seminário sobre psicoses e seu comentário sobre o caso Schreber, Lacan conceitua a função paterna em si, grafando-a como Nome-do-Pai, associando-o ao conceito de foraclusão. Evocando a natureza da relação de Schreber com o pai, Lacan fez da psicose do filho uma “foraclusão do nome-do-pai”, estendendo mais tarde esse protótipo à própria estrutura da psicose. Mediante esta interpretação, Lacan foi o primeiro a teorizar o vínculo existente entre um sistema educacional de um pai e o delírio de um filho. Nessa perspectiva, e no âmbito da teoria lacaniana do significante, a transição edipiana para a cultura efetua-se da seguinte maneira: sendo a encarnação do significante, por chamar o filho por seu nome, o pai intervém junto a este como “privador” da mãe, dando origem ao ideal de eu na criança. No caso da psicose, a estruturação não se dá, sendo então foracluído o significante do Nome-do-pai, que retorna no real sob a forma de um delírio (No caso Schreber contra Deus, encarnação de todas as imagens malditas da paternidade).

### **O Paciente “Alemão”**

Alemão é um paciente com diagnóstico psiquiátrico de esquizofrenia, e encontra-se internado em instituição psiquiátrica desde fevereiro de 2013, tendo histórico de internações anteriores. Escolho chamá-lo de alemão, pois este paciente, em alguns de seus delírios, opta por falar o português com simulado sotaque alemão, sem, porém oferecer qualquer associação a respeito (vale ressaltar que ele tem sobrenome alemão). É um homem de 37 anos, filho único de uma mãe que se tornou alcoólatra após ser abandonada pelo marido (pai de Alemão) por volta de seus 8 anos de idade. O paciente relata que teve uma infância dura, assumindo os cuidados da casa e da mãe desde cedo, tendo seu pai se tornado ausente

desde sua partida. Embora sua mãe tenha se encarregado sempre de prover a casa através de seu trabalho como faxineira, era uma presença bastante perturbadora, que jamais voltava do trabalho para casa sóbria, pois tinha o hábito de embriagar-se nos bares do bairro e só voltar para sua casa em estado deplorável, apenas para dormir. Alemão sofria constante violência doméstica, até que tornou-se suficientemente grande para passar a conter a mãe com violência. Cuidou de sua mãe até sua morte, por atropelamento.

O paciente desde os primeiros contatos relatava diversos “eventos”, e se queixava do desprezo do corpo clínico pelos seus relatos, e que não era possível dialogar com a equipe, pois não acreditavam em nada do que dizia. Neste ponto se referia ao fato de que a cada relato de delírio se expunha a aumentos de doses medicamentosas que, se por um lado reduziam os delírios, por outro tiravam dele sua pouca possibilidade de elaboração.

Seus delírios sempre envolveram comunicação com instâncias superiores de outros planetas, através de métodos “avançados”, que não poderiam ser entendidos por mim, já que eu mesmo não estava preparado para entendê-los, segundo ele. Outra questão marcante em seus relatos era sobre sua capacidade de “metamorfose”, em que poderia adquirir o aspecto sexual que desejasse. O paciente jamais se declarou homo ou heterossexual, refutando a idéia de uma necessidade de escolha – afinal de contas, quem pode ser “dois”, não precisa escolher.

Escolho aqui três relatos específicos, feitos após certo tempo de tratamento, em que o paciente encontrava-se em condições bastante melhores em relação ao estado em que se encontrava em início de tratamento, e confiante na escuta de seus relatos, já não temia não ser acreditado. Nas palavras do próprio paciente, “o fato de ser delírio não significa que não haja realidade”, e “quando fujo da realidade, fujo grandão”.

### **1 - O encontro com “Sabrina”:**

Alemão me relata em tom de confiança que desde pequeno cresceu acompanhado de uma voz de uma menina a qual nunca chegou a conhecer, mas que cresceu junto com ele, se separando a certo ponto de suas vidas. Eram como grandes companheiros, fadados a uma inevitável união no futuro. Ao mesmo tempo em que ele e sua voz amadureciam, o mesmo se passou com a menina. Após um longo período sem se comunicar com ela, em um dia

alemão está passando por uma “banca”, que praticamente o “chama” para observar uma revista específica entre tantas outras: Uma revista com uma mulher linda na capa, na qual ele imediatamente reconheceu a menina com quem cresceu. A menina era então “Sabrina Parlatore”, uma conhecida modelo e ex-VJ da MTV. Desde esse reencontro Alemão está tomado por uma grande dúvida: “Deve ou não procurar Sabrina quando sair do hospital, e declarar a ela todo sentimento que guardou por todo esse tempo”? Junto a esta pergunta, me questiona se acho que o que ele relata é uma loucura. Interessante observar que este paciente sempre busca, a cada relato delirante, uma confirmação de que aquilo não seja “uma loucura”, me oferecendo assim um estatuto de suposto saber.

Como resposta, digo a ele que penso ser improvável que essa menina seja Sabrina, e que se ele insistisse em procura-la quando saísse do hospital, colocaria em risco sua própria integridade, pela ameaça que ela poderia sentir na sua presença. Entretanto, digo a ele que acredito que haja sim uma “Sabrina”, e que ele deveria procurá-la dentro de si, saber quem ou o que ela representa, sendo ou não parte integrante dele, e que poderíamos usar o tempo necessário para isso. A partir desta discussão poderíamos elaborar uma Sabrina possível, para aí sim podermos prepará-lo para este “encontro”. Neste delírio acredito que se exprima nele um grande conflito em ser apenas um menino – uma manifestação de seu desejo de ser absoluto, independente, representado pelo poder de ter dois sexos, e viver em harmonia com eles.

Acredito que neste recorte possa afirmar que pude refletir sobre o papel da escuta e do analista – desprezar o que escuto já estava fora de questão, e ficaram então as opções de “delirar” junto com o paciente, ou fantasiar junto com seu delírio. Parece-me que a partir de minhas próprias fantasias posso oferecer ao paciente possibilidades de construção, que possam remontar uma história onde se ofereça uma saída possível.

## **2 - A metamorfose**

Em varias ocasiões alemão me conta sobre seu conhecimento profundo na arte da metamorfose, e me relata uma experiência de sucesso, onde corrobora sua teoria de que pode se transformar em mulher se quiser. Alemão me conta que num dado dia, coloca-se em frente a um espelho, e após um forte exercício mental de transformação, começa a ver suas pupilas e pelos mudarem de cor, e tornarem-se vermelhas. Quando atinge este ponto da

experiência, que dá a ele a certeza de que sabe e pode transformar-se da forma que quiser, convence-se de que pode se transformar em uma mulher, mas decide não terminar a experiência, já que o saber da possibilidade elimina a necessidade da experiência completa em si. Curiosamente esta experiência aconteceu aos 24 anos, segundo o próprio Alemão, “a idade do viadinho”.

Aqui se apresenta novamente a necessidade de Alemão em manter-se na posição de poder de ser absoluto, de lançar mão de instrumentos que o garantam como homem e mulher. Chama-me atenção a cor vermelha em que suas pupilas se transformaram, numa associação com o erótico. Embora tenhamos, em diferentes ocasiões, discutido as possibilidades de metamorfose humana, jamais discordei dele de forma absoluta – ao invés de buscar o caminho da certeza, tentei fazê-lo pensar na possibilidade de que o resultado da tal experiência não necessariamente pudesse ser a transformação sexual. Entretanto, aqui trabalho num campo de certeza absoluto do paciente, e percebo serem mínimas as chances de que considere ao menos a dúvida com relação à sua condição metamórfica.

### **3- O encontro com o Deus Aton (\*)**

(\*)Há mais de três mil anos, todas as divindades egípcias foram substituídas por um deus único, Aton, o disco solar irradiante, símbolo da vida, do amor, da verdade, arruinando o clero todo-poderoso de Tebas (Revista História Viva).

No relato da experiência que julga a mais importante de sua vida, conta que numa certa noite teve dentro de sua casa um encontro com o Deus Aton, onde discutiram questões de ordem existencial e filosófica. Relata que o Deus Aton é o receptor e o emissor de toda a energia. Ao final da discussão, o Deus Aton deixa para ele uma mensagem escrita nos céus:

- Você é dois?

Ele relata que embora pareça, a base desta experiência não era alucinatória, pois ele tinha certeza de que todos os que estavam no bairro e olharam para o céu puderam ler a mensagem. Entretanto, ele achou melhor não sair interrogando a todos se tinham visto, para não parecer “louco”.

Duas semanas depois, quando voltamos a falar do mesmo delírio, pergunto a ele se o que estava escrito no céu era realmente uma pergunta (embora não tenha dito ao paciente, eu estava intrigado com o fato de um Deus perguntar ao invés de afirmar), e ele de pronto me responde: “Não, estava simplesmente escrito o algarismo “2”. Eu sei que era uma pergunta por que veio acompanhado de uma voz interna, num tom de interrogação”.

Neste relato, Alemão se coloca em posição privilegiada de acesso ao Deus ainda mais superior que os outros deuses, com poder suficiente para invocá-lo e ainda discutirem temas. Parece-me particularmente intrigante o fato de que este mesmo Deus tão absoluto oferece uma pergunta, e não uma resposta no final da experiência, o que me dá vazão a pensar numa hipótese diagnóstica menos radical para alemão, justamente por introduzir a dúvida em seu universo. O relato também manifesta a premente necessidade de Alemão em sempre constituir-se como um ser dual, que encontra em si mesmo os elementos necessários para o exercício de uma sexualidade “livre” de escolhas. É bastante tentador associar os relatos de Alemão aos relatos de Schreber, mas no caso dele não encontro elementos distintivos que associem seu caso à paranoia. Além disto, diferente de Schreber, o poder Manifestado em seu delírio não é de Deus, e sim dele mesmo. Deus aqui duvida e implanta a divisão subjetiva:2.

## **Conclusão**

Termino meu relato tentando responder de alguma forma o que me perguntei na introdução deste trabalho. O delírio apresenta de forma extrema a impossibilidade apresentada pela cena edípica na vida do paciente, e o que se pode escutar do delírio de um paciente psicótico, é a parte de sua história que não se viabilizou, que não pode nem mesmo ficar contida dentro de seu aparelho psíquico, mas que volta de forma impiedosa, insistente, que precisa ser cuidadosamente remontada. Entretanto, para escutá-lo o analista precisa dedicar-se de forma absoluta à cena, abandonar seus julgamentos neuróticos e sua lógica temporal, e experimentar as reações que as cenas propostas pelo delírio do outro provocam em si mesmo, para quem sabe, a partir de seus próprios sentimentos, fantasiar como seria a vivência de seu próprio paciente nas narrativas apresentadas. Se o analista tem a capacidade de analisar e simbolizar o que sente, pode talvez, aos poucos expandir uma trama extremamente condensada, abrindo “buracos” em que se podem depositar outras possibilidades de refúgio ao sujeito. Diferente da clínica da neurose, o analista não pode

sentar-se esperar que o paciente possa interpretar e desarticular seus delírios, e buscar resignificações que possam aplacar suas certezas. Trabalhamos aqui em campo cheio de certezas e árido de elaborações e cabe ao analista, pacientemente, quando expande a citada trama, ajudar o paciente a preencher os “buracos” emergentes que, talvez pequenos sob um ponto de vista neurótico, possam ter papel fundamental na condução terapêutica do paciente psicótico. Não trabalho com a hipótese de que possam se fazer cessar os delírios, mas creio que se inserem elementos que possam fazê-los menos angustiantes para o paciente, e consequentemente que permitam que este encontre alguma possibilidade de viver fora do delírio.

Quanto ao paciente, encontro elementos que se por um lado confirmam seu diagnóstico de esquizofrenia, por outro abrem espaço para uma boa dose de elaboração, me levando a duvidar de sua loucura, e possibilitando descolar do diagnóstico e simplesmente escutá-lo, e seguir com sua análise como deveria ser com qualquer de meus pacientes, independente de sua estrutura psíquica.

### **Bibliografia**

1. Freud S., História de uma neurose infantil (1918[1914]), ESB V.XVII, Rio de Janeiro, Ed. Imago, 2006
2. Freud S., Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (1911), ESB V.XII, Rio de Janeiro, Ed. Imago, 2006
3. Freud S., As Neuropsicoses de defesa (1894), ESB V.III, Rio de Janeiro, Ed. Imago, 2006
4. Nasio, J.D., Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise, Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2012
5. Laplanche J. Vocabulário da Psicanálise/ Laplanche e Pontalis, São Paulo, Martins Fontes, 2012
6. Roudinesco E., Dicionário de Psicanálise, Rio de Janeiro, Zahar, 2012
7. Revista História Viva, Ed. 112, fevereiro de 2013, Ed. Duetto

**2º Semestre 2013**

**Ciclo V**

**Aluno: Silvana de Lourdes Grimaldi Martani Du Pasquier Nunes**

**Título: *Análise – Um lugar, um caminho***



*"O viajante volta já..."*

*"Não é verdade. A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o viajante se sentou na areia da praia e disse: "Não há mais que ver", sabia que não era assim. O fim duma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomençar a viagem. Sempre. O viajante volta já."*

*José Saramago*

Segundo Lacan, a diferença elementar entre o amor e o gozo é que o amor poderia ser escrito e o gozo seria aquilo que escaparia a qualquer possibilidade de inscrição. Assim, o inconsciente estruturado como uma linguagem habita o setting analítico imantando informações obscurecidas de ambos, analista e analisado.

Isso é análise. Uma demanda de amor que passa pela porta intencionada em palavras, gestos e sofrimentos.

Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se despedaça, soa falso, não soa. O sintoma, a repetição, a janela, o trabalho. Não trabalhamos com o sintoma o observamos, não mechemos com ele, nem o tocamos, nos guiamos por ele, com ele.

Nosso lugar de analista impõe regras claras talhadas na teoria e na análise pessoal. Não sejamos tolos de imaginar que os infernos podem ser conhecidos através das páginas dos livros. Para estar apto a se sentar neste lugar há de ter se feito e desfeito muitas vezes, tantas quantas necessário para desaprender de caminhar como todos e passar a caminhar em seus próprios caminhos.

Desconstruir para conhecer. Não sabemos o que esperar nesse lugar. Esperar a cura é romper com a escuta que não se encanta com o enredo, mas que flutua no setting e assim funda as representações do inconsciente dos integrantes dessa dialética tão profunda e alucinante. Livramo-nos do sentido de absurdo para dar voz a associação livre de indivíduos mudos, presos a suas construções mais arcaicas.

O método psicanalítico ou antimétodo, como muitos consideram, etnologicamente combina os sentidos de *caminho* (odós) e de *objetivo para além de* (eté) e se compõe da transferência para o analista e da associação livre para o paciente. A associação livre se reveste daqueles pensamentos involuntários quase sempre sentidos como perturbadores e por isso comumente postos de lado, que costumam cruzar a trama da exposição intencional.

Nos relatos observados no consultório, as lacunas de memória do paciente, seus esquecimentos de acontecimentos reais, a atemporalidade dos fatos ou o rompimento de conexões causais, instaura o incompreensível de que nos servimos, ou seja, o recalçamento, o desprazer. As forças psíquicas que dão origem a esse recalçamento estão segundo Freud, na resistência que se opõe à restauração das lembranças.

É sabido que quanto maior a resistência, mais difusa é a distorção. O valor das idéias involuntárias para a técnica terapêutica reside na relação destas com o material psíquico recalçado. Quando se dispõe de um procedimento que permite avançar das associações até o recalçado, das distorções até o distorcido, pode-se também tornar acessível à consciência o que era antes inconsciente na vida psíquica.

O desejo calcado repetidas vezes, é banido para o inconsciente e flerta com a luz da denuncia por sorte de pequenos portais. Os atos falhos, os lapsos de memória, os sonhos, os tiques, nos convidam a espiar dentro da mascara cotidiana. Assim sendo, Freud nos conduz ao corpo da interpretação que é se deixar invadir dos sentimentos contidos nas falas do paciente e revelá-los.

Para tanto, a pessoa do analista deve ficar do lado de fora da arena clinica. Precisamos estar “livres” de nosso cotidiano, de nossa historia para tentar encontrar o que a historia do outro quer nos dizer.

A natureza do método psicanalítico para Freud, envolvia indicações e contra-indicações, tanto em relação às pessoas a serem tratadas quanto com respeito ao quadro patológico. Para ele, os mais favoráveis para psicanálise eram os casos crônicos de psiconeuroses com poucos sintomas violentos ou perigosos, ou seja, toda espécie de neurose obsessiva, pensamento e ações obsessivos, os casos de histeria, fobias, todas as expressões somáticas da histeria, desde que a pronta eliminação dos sintomas não fosse a tarefa primordial do médico.

Quanto ao parágrafo anterior hoje há controvérsias. O campo de aplicação da psicanálise abarcou as psicoses, antes restrita a psiquiatria somente, e encontrou formatos possíveis para que doenças tão difíceis fossem atenuadas. Pacientes psicóticos internados são vítimas confessas do cárcere e degradação que a sociedade/família lhe impõe e dos pilares de qualquer instituição que lhes recebe: genocídio e etnocídio.

Na maioria das vezes, os conceitos de genocídio e etnocídio são interpretados como sinônimos, ou seja, uma limpeza étnica, mas são realmente distintos.: “genocídio” vem do grego “génos” (família, tribo ou raça) e do latim “caedere” (matar), a extinção total ou tentativa de destruição de uma raça ou etnia por meio da eliminação de seus elementos e no

caso do paciente psicótico a morte desse sujeito. Etnocídio não é a destruição total de um povo, mas sim, de sua cultura, de suas raízes e história, sendo no mencionado a morte do espírito desse sujeito.

Se livrando de tal limitação, a psicanálise possibilitou um lugar para que todos os indivíduos fossem ouvidos e nos psicóticos se dispôs a testemunhar a vida destes, sabendo que não há uma demanda endereçada ao outro neste caso.

Acompanhar o paciente no enfrentamento de sua própria paranóia pode ser uma atenuante num dos percursos mais difíceis da existência humana, a doença desagregante, a dialética com o fantasma.

Para Freud, a fantasia ou fantasma não é um produto qualquer do inconsciente, mas uma resposta a um enigma fornecido pela existência de funções contraditórias: função da mãe, função do pai, função da relação. Assim, o "fantasma" é histórico e, ao mesmo tempo, ilusório, sendo histórico porque fala de uma fantasia universal- simbólica e ilusório porque aparece como subjetiva- imaginária. Aqui a função imaginária cumpre um destino ilusório ou encobridor do "fantasma" e a função simbólica, por sua vez, cumpre um destino ilustrador, desvelador da fantasia onde as imagens das fantasias originais nos impedem de ver os referentes aos quais o dilema remete: dilema da identificação, dilema da libido e dilema do modelo.

Outro aspecto da relação analista/ analisado é a transferência de que se vale o analista para acompanhar a associação livre, ou seja, o lugar em que o analista é colocado pelo paciente. A transferência, segundo Freud, pode emergir como um exigência intensa de amor, de atenção, de reconhecimento ou desejo de ser recebido como filho(a) predileto(a), de ser alvo de uma estreita amizade (necessidade libidinal sublimada) dentre outros. . Quanto mais rude ou menos sublimados são os impulsos transferidos, mais próximos estaremos de uma expressão não elaborada do conflito original, vinculado aos objetos primários, e normalmente impossíveis de serem satisfatoriamente resolvidos.

Para muitos a transferência se faz na relação desde o início, num diálogo de inconsciente para inconsciente onde identificações são feitas de uma maneira positiva ou não. Para Lacan (1964) a transferência é aquilo que manifesta, na experiência, a atualização da realidade do inconsciente no que ela é sexualidade, assim como para Freud (1912) a transferência é aquilo que, em uma análise, torna presentes os impulsos recalcados no inconsciente.

*“não se discute que controlar os fenômenos da transferência representa para o psicanalista as maiores dificuldades; mas não se deve esquecer que precisamente eles nos prestam o inestimável serviço de tornar imediatos e manifestos os impulsos eróticos ocultos e esquecidos do paciente. pois, quando tudo está dito e feito, é impossível destruir alguém ‘in absentia’ ou ‘in effigie’” (freud, 1912).*

O manejo da transferência consiste, num primeiro momento, na permissão dada ao paciente de atuar exclusivamente na transferência.

*“Tornamos a compulsão inócua, e na verdade útil, concedendo-lhe o direito de afirmar-se num campo definido. Admitimo-la à transferência como a um playground no qual lhe é permitido expandir-se em liberdade quase completa e no qual se espera que nos apresente tudo no tocante às pulsões patogênicas, que se acha oculto na mente do paciente. Contanto que o paciente apresente complacência bastante para respeitar as condições necessárias da análise, alcançamos normalmente sucesso em fornecer a todos os sintomas da moléstia um novo significado transferencial e em substituir sua neurose comum por uma neurose de transferência, da qual pode ser curado pelo trabalho terapêutico”. (Freud, 1914/1980, p. 201)*

Assim, a estratégia traçada por Freud é bem definida: o tratamento deve proporcionar os meios que facilitem a transferência dos conteúdos patogênicos da neurose para os limites definidos pelo enquadre analítico, no qual o analista posiciona-se de modo a facilitar esses conteúdos que se deslocam sobre sua figura. Isso faz da cena analítica um palco diferenciado de manifestações dos conflitos intrapsíquicos do paciente.

Logo, Freud nos dá as diretrizes para que a clínica psicanalítica seja sempre repensada e reinventada para acompanhar as trajetórias sinuosas do desejo. Neste ponto, as diretrizes freudianas conduzem Lacan a ressaltar que, na análise, o desejo do sujeito só surge e é recriado através do desejo do analista e do desejo pelo analista.

Em síntese, como Saramago, me sinto uma viajante convidada a vários destinos, num percurso que nunca termina somente eu e meus acompanhados decidimos quando a parceria acaba para mim, não para eles, "... é preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía,..." *José Saramago*.

Agradeço a todos,que com sua competência e conhecimento,me ajudaram a chegar até aqui.

### **Bibliografia**

Freud, S. (1912a) A dinâmica da transferência. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, 129-143. (Edição Standard Brasileira, Vol. XII. )

Freud, S. (1912b) Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, 145-159. (Edição Standard Brasileira, Vol. XII. )

Freud, S. (1913) Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, pp. 161-187. (Edição Standard Brasileira, Vol. XII.)

Freud, S. (1914) Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, pp. 193-203. (Edição Standard Brasileira, Vol XII).

Freud, S. (1980). Recordar, repetir e elaborar (J. O. A. Abreu, Trad.). Em J. Salomão(Org.), Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud (Vol. XII, pp.191-203). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914)

Freud, S. (1915) Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, 205-223. (Edição Standard Brasileira, Vol XII. )

Freud, S. (1916-1917a) Conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXVII: Transferencia. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, 503-521. (Edição Standard Brasileira, Vol XVI. )

Freud, S. (1916-1917b) Conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXVIII: Terapia analítica. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, 523-539. (Edição Standard Brasileira, Vol. XVI. )

Freud, S. (1920) Além do princípio de prazer. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, 11-179. (Edição Standard Brasileira, Vol. XVIII. )

Freud, S. (1923) O ego e o id. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, 11-83. (Edição Standard Brasileira, Vol. XIX. )

Freud, S. (1933[1932]) Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXXIV: Explicações, aplicações e orientações. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, 167-191. (Edição Standard Brasileira, Vol. XXII. )

FREUD, S. (1912). A dinâmica da transferência. In: \_\_\_\_\_. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. 3 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

LACAN, J. Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. In: \_\_\_\_\_. O Seminário. Rio de Janeiro: Zahar, 1993 . A direção de tratamento e os princípios de seu poder. In: \_\_\_\_\_. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

**2º Semestre 2013**

**Ciclo VI**

**Aluno: Carolina Sieja Bertin**

**Título: *Um pesadelo, talvez? A elaboração social do trauma do Holocausto***

***Um pesadelo, talvez?***

***A elaboração social do trauma do Holocausto***

Durante os três anos do curso de formação em psicanálise no Centro de Estudos Psicanalíticos, procurei propositalmente produzir meus trabalhos em torno de um tópico comum: a guerra e seus efeitos – principalmente no que diz respeito ao Holocausto. A princípio, achei que havia finalmente cedido à influência da minha cultura, já que o judaísmo se assenta no imperativo de lembrar, com a intenção de não deixar que o sofrimento caia no esquecimento. Entretanto, acredito que minhas motivações também tenham sido a busca por uma elaboração do trauma da guerra sofrido pelos meus avós, e “cultivado” pelas gerações posteriores. Portanto, ao procurar significar a história da minha família, eu ansiava por uma construção da minha própria subjetividade em meio a tantas outras identidades complexas com as quais eu convivia.

Tendo isso em vista, não centrarei o meu trabalho de conclusão de curso em uma releitura dos meus apontamentos anteriores, mas procurarei observar em uma escala social aquilo que fiz nos estudos dos três anos. Sendo assim, a pergunta-tema que encabeçará a análise será: *de que maneira a sociedade elabora o trauma do Holocausto?* Aqui, não me refiro apenas às famílias dos sobreviventes, mas a todas as culturas receptoras – ou seja, as futuras gerações que recebem os testemunhos advindos dos sobreviventes, mas não sabem o que fazer com eles, já que não passaram pela experiência traumática da guerra.

Para isso, lançarei mão dos conceitos de Lacan, e seus seminários “O Simbólico, o Imaginário e o Real” (1953), “As Formações do Inconsciente” (1958) e “A Identificação” (1962), além da obra de Žižek, intitulada *How to Read Lacan* (2006). Como forma de

ilustração da análise, utilizarei os trabalhos de sete variados artistas, expostos em Sarnos, Nápolis, na amostra intitulada “Crianças do Holocausto”, que ocorreu na última semana de janeiro de 2013, data do dia internacional em memória às vítimas do Holocausto.

## I

Em sua conferência intitulada “O Simbólico, o Imaginário e o Real” (1953), Lacan sugere a existência de três registros psíquicos: o Imaginário, o Simbólico e o Real. Sendo tais conceitos extremamente importantes para os nossos estudos, retomaremos, primeiramente, o que foi dito, tanto pelo psicanalista francês, quanto por Žižek (2006), já que o diálogo estabelecido entre o trabalho de ambos complementa a teoria e sugere uma abordagem sociocultural para o que antes era unicamente da ordem do indivíduo.

Segundo Lacan, o sujeito, nos primeiros anos de vida, ainda mantém uma intrínseca relação com a mãe, não tendo nem nenhuma ideia de totalidade corporal, nem de unicidade. Porém, há um momento, denominado de “Estádio do Espelho”, em que a criança começa a adquirir o domínio sobre a sua unidade corporal através de uma identificação com a percepção de sua própria imagem, e, principalmente, com a imagem do semelhante – também denominado de Outro<sup>3</sup>

A imagem refletida no espelho, bem como aquela fornecida pelo Outro, provocam na criança um necessário e derradeiro investimento libidinal do Eu, para que se efetive o estabelecimento de uma identidade capaz de se colocar como completa, total, única:

Lo imaginario si se acepta y reconoce todas las implicaciones que le son apropiadas. A partir de ahí es muy simple, claro, fácil, de ver que este tipo de satisfacción imaginaria no puede ser encontrado nada más que en el orden de los registros sexuales<sup>4</sup>.

O imaginário é o primeiro registro psíquico do sujeito. Ao passo em que se forma por meio das imagens fornecidas, primordialmente, pelo semelhante – que preenchem e dão totalidade a um corpo –, também recebe do Outro os significados e as significações

---

<sup>3</sup> O Outro é aquele que antecede o sujeito; é por meio do seu olhar e dos seus desejos que o indivíduo vai se constituir. Além do mais, é ele o responsável por apresentar os significados sociais para o novo sujeito que nasce. Em Lacan, o Outro pode ser alguém na posição de superioridade (a mãe, o pai, ou a própria sociedade).

<sup>4</sup> O imaginário se aceita e reconhece todas as implicações que lhe são apropriadas. A partir daí, é muito simples, claro, fácil, de ver que este tipo de satisfação imaginária não pode ser encontrada em outro lugar que não na ordem dos registros sexuais. (minha tradução).

responsáveis pela futura formação de sua linguagem. Isso, portanto, será o ponto de partida para a subjetividade linguística imprescindível à formação do Eu.

O sujeito, diante dessa nova realidade e desse primeiro contato com a língua, precisa encontrar elementos que darão conta de corporificar os significados adquiridos no contato com o Outro. Isso equivale a dizer que as significações deverão receber uma imagem acústica, a fim de formar um símbolo “totalizado”, com conteúdo e corpo. É, então, no momento da aquisição do significante que se instaura o registro do Simbólico, trazendo a ordem e a lei necessárias para que a linguagem funcione de maneira aproximadamente semelhante para cada indivíduo.

De este modo es necesario entender lo simbólico en juego en el intercambio analítico, teniendo en cuenta que lo que en él encontramos, y estamos definiendo, es lo que Freud definió como su realidad esencial (...); se trata todavía y siempre de símbolos, y de símbolos muy específicamente organizados en el lenguaje, que por consiguiente funcionan a partir de ese equivalente del significante y del significado: la estructura misma del lenguaje<sup>5</sup>.

Em seus estudos sobre Lacan, Žizek (2006) explicita que, para Lacan, o Simbólico é a linguagem, que regula e fundamenta todas as relações humanas, além de ser responsável pela “founding word” (palavra fundadora), isto é, o fator que inaugura o indivíduo e sua tentativa de compreensão psíquica do Real. Ao mesmo tempo, limita-o, de forma que tudo o que não se encaixaria ao seu mundo, formado pelos seus símbolos e pela sua linguagem, é ameaçador, inquietante.

(...) lo simbólico concierne a aquello en lo que el sujeto se compromete en una relación propiamente humana; desde que se trata de un registro del 'je' (yo), se trata de un compromiso: en 'yo quiero... yo amo', hay siempre algo literalmente

---

<sup>5</sup> Desse modo, é necessário entender o simbólico em jogo no intercâmbio analítico, levando em consideração que o que nele encontramos, e estamos definindo, é o que Freud definiu como sua realidade essencial (...); trata-se, na verdade e sempre de símbolos, e de símbolos muito especificamente organizados na linguagem, que, por sua vez, funcionam a partir desse equivalente do significante e do significado: a mesma estrutura da linguagem. (minha tradução)

dicho, de problemático, es decir, un elemento temporal muy importante a ser considerado<sup>6</sup>.

O Real é algo que não é elaborado e que permanece como um “furo” na constituição psíquica. Na medida em que não encontra representação simbólica, o Real se torna, segundo Zizek, o significante da falta, algo traumático, por permanecer inassimilável, já que não há inscrição no inconsciente para ele. De acordo com essa analogia ainda, a morte seria o mais próximo de Real que alcançaríamos, pois ela também não se inscreve na nossa vivência, e também não tem representantes simbólicos; afinal, é preciso se esquecer da morte para continuar com a vida. A morte é o furo na nossa fantasia inconsciente de que somos imortais.

Voltando ao tema do Holocausto, o escritor ganhador do prêmio Nobel e sobrevivente de Auschwitz, Elie Wiesel já adianta a problemática de como falar de suas experiências, e em que língua, já que nenhuma parece proporcionar uma base suficiente para que o autor possa contar suas experiências:

It became clear that it would be necessary to invent a new language. But how was one to rehabilitate and transform words betrayed and perverted by the enemy? Hunger—thirst—fear—transport—selection—fire—chimney: these words all have intrinsic meaning, but in those times, they meant something else<sup>7</sup>. (p. vi)

Wiesel levanta, além da questão de se poder ou não falar no genocídio, uma série do que chamamos aqui de fragmentos simbólicos, no sentido lacaniano, já que fornecem uma imagem acústica para a experiência, ao mesmo tempo em que representam a tragédia: fome; sede; medo; transporte; seleção; fogo; chaminé. A representação se dá pelo fato de

---

<sup>6</sup> (...) o simbólico concerne aquilo em que o sujeito se compromete em uma relação propriamente humana; desde que se trata de um registro do ‘je’ (eu), trata-se de um compromisso: em “eu quero...eu amo”, há sempre algo literalmente dito, de problemático, ou seja, de um elemento temporal muito importante a ser considerado. (minha tradução)

<sup>7</sup> Ficou claro que seria necessário inventar uma nova língua. Mas como alguém vai reabilitar e transformar palavras que foram traídas e pervertidas pelo inimigo? Fome – sede – medo – transporte – seleção – fogo – chaminé: todas essas palavras tem um significado intrínseco, mas nesses tempos, elas significavam outra coisa. (p. iii)

que, sendo tão culturalmente divulgados, tais fragmentos se tornam estigmatizados, já que falar na “estrela amarela”, por exemplo, é um claro indicativo do Holocausto.

Entretanto, se os próprios sobreviventes encontram dificuldades na simbolização das “imagens” da vivenciados campos, será possível que uma cultura ou gerações que não vivenciaram a experiência do genocídio, seriam capazes de compreender os símbolos advindos dos testemunhos, bem como produzir novos, a fim de dar continuidade à propagação da experiência?

Além do mais, ao realizar o esforço de procurar novas imagens para os símbolos do genocídio, realiza-se uma busca que tem como objetivo a própria identidade; o genocídio não instaura mais a dúvida: “como iremos representá-lo?”, mas sim “quem somos nós e qual o nosso papel em nossa história?”. O que temos, então, é o desconhecimento da própria intimidade, que se traduz como uma tensão, de maneira que todas as imagens construídas carregarão o duplo conflito de representar uma experiência que não lhes pertence, e de buscar uma identificação cultural.

Oriundos, principalmente, da Europa, os sobreviventes encontram em Elie Wiesel e Primo Levi dois grandes representantes. Junto do *Diário de Anne Frank* (1942 – 1944), os testemunhos *Noite* (1955) e *É Isso um Homem?* (1947) fundaram a base para que as segundas gerações – bem como as sociedades que não vivenciaram o Holocausto – pudessem construir uma de representação de tal trauma.

A dificuldade aparece na medida em que os símbolos chegam apenas com um significante, sem uma imagem que dê consistência ao que está sendo dito. Fato é que os próprios sobreviventes alegam que quem não estava presente no campo de concentração, jamais saberá do que realmente tal vivência se trata. Além do fragmento já levantado anteriormente, onde Wiesel declara que todos os significados das palavras envolvendo o genocídio devem ser revisitados, ainda há a onipotência de Auschwitz, que se torna um obstáculo a qualquer tentativa de discurso.

Ao pontuar o aparecimento imediato do campo de concentração, Wiesel se direciona a uma ruptura entre a vida que levava até então e o que estaria prestes a experienciar. Dessa forma, toda a sua percepção se altera de forma a ressignificar os elementos de sua vida: o transporte leva aos campos de concentração; a chaminé se torna a torre onde os corpos são cremados; a seleção é a escolha de quem vai para o gás; a fome é algo usual; etc. Resta, ao escritor, adotar uma determinada linguagem, formar seus símbolos e tentar se aproximar ao máximo do Real que vivenciou.

Zizek descreve o Real como um núcleo duro, traumático, e só existente no abstrato, já que a nossa capacidade de simbolização não consegue alcançá-lo. Diferentemente da nossa concepção convencional de experiência objetiva e coletiva, Lacan aponta para o fato de que o Real é pré-espelho, pré-simbólico e pré-imaginário, tornando-se, portanto, algo praticamente inatingível por ser anterior a qualquer ideia de manifestação de linguagem que o sujeito possa adquirir.

Tendo isso em mente, artistas e escritores buscarão reconstruir o Holocausto, não em sua literalidade, mas sim pelo imaginário. Tal fato se torna ousado, na medida em que até então a norma era que o genocídio só poderia ser reconhecido pelo grotesco das mortes dos campos; quanto maior a aproximação com os fatos, maior seria o alcance do Real. As novas gerações, entretanto, optam pelo predomínio da imagem distorcida, como se o afastamento proporcionasse uma visão mais completa do Holocausto. Veremos, no próximo capítulo, exemplos de tal mecanismo.

## II

A “imagem” (do grego: *imago*) fornece a ideia de representação dos conjuntos simbólicos por meio, principalmente, de efeitos visuais, o que, por si só, já configura como uma inovação na abordagem do Holocausto, tendo em vista que a figuração pictórica, antes vista como uma “vulgarização” do genocídio, é agora almejada como forma de construções de subjetivações dessas novas gerações que receberam os símbolos, mas que não sabem ao certo o que fazer com eles.

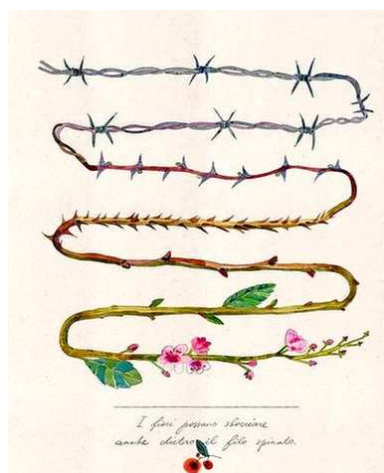
A busca pela identidade – ou a negação de todas as que são oferecidas – é algo constante nas representações do genocídio. Quando falamos, é sempre a partir de um lugar que nos proporciona o mínimo de identidade. Por isso, Dolto (1987) alega que é através dela que se constitui a palavra “imagem”: a letra I retoma diretamente o termo “identidade”; “ma” se associa à palavra *meme* (“mesmo”), em francês; por último, “gem”, que significa Terra (*Gé, Géia, Gaia*, personificação da Terra, em grego), ou seja, a base ou ainda o corpo. Portanto, I-ma-gem, seria, de acordo com a autora, o substrato relacional com o outro.

Tudo isso nos leva a um fato que encabeçará a análise das produções culturais pós-guerra: o Real do Holocausto é buscado em diferentes níveis de contato – seja entre as gerações e suas identidades em formação, seja entre o consequente encontro entre símbolo e imagem. É exatamente este encontro que fica evidente na exposição “Crianças do

Holocausto”<sup>8</sup>, ocorrida na Itália, na semana dedicada à memória às vítimas do Holocausto, como veremos a seguir.

Os sete trabalhos apresentados são representações pictóricas do campo de concentração de Terezín, com base em poemas e desenhos produzidos durante este período (alguns deles publicados no livro *I Never Saw Another Butterfly*, 1994). Tal campo tinha a especificidade de ser um lugar de rica vida cultural, uma espécie de maquiagem para camuflar as atividades nazistas, já que eram manridas aulas diárias e atividades esportivas. Pelo menos quatro orquestras também foram obrigadas a tocar no campo, assim como grupos e bandas de jazz.

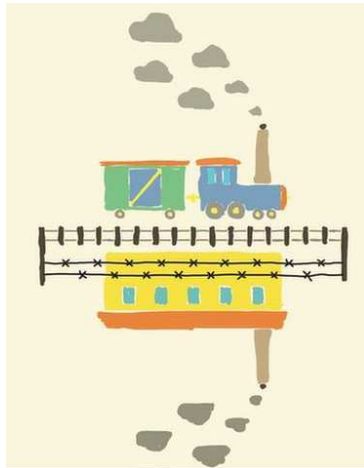
Veremos, então, de que forma se dão os trabalhos italianos:



(fig. 01)

A primeira figura é de autoria de Irina Gluidza, e foca na transformação do arame farpado em rosas, acompanhando a frase: “flores podem crescer mesmo atrás de arame farpado”. A metamorfose se torna otimista na medida em que ilustra a possibilidade de se ter algo produtivo em meio a um ambiente que priorizou a completa desumanização dos prisioneiros. Além do mais, metonimicamente, podemos entender como uma representação do próprio papel da arte: os testemunhos dos sobreviventes chegam incolores e duros como um arame farpado, ao passo que a arte daria uma resposta ativa e viva (como as flores), ressignificando o discurso do sobrevivente, impedindo que ele pare de fazer sentido.

<sup>8</sup> A reportagem pode ser encontrada na página: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/01/130128\\_crianças\\_holocausto\\_galeria\\_fn.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/01/130128_crianças_holocausto_galeria_fn.shtml)



(fig. 02)

O artista aqui é Claudio Fabbro, que, por meio da imagem refletida de um trem em uma instalação de um campo de concentração, ele rearticula os símbolos do Holocausto: se antes o trem e o campo estavam do mesmo lado (pois ambos serviam para um mesmo propósito), agora o primeiro se encaminha para a liberdade, como se fosse em direção oposta do que antes era seu caminho.



(fig. 03)

Quando Matteo do Iorio coloca o campo de Terezin em um globo de neve, instaura-se aí a ideia de que a realidade do campo seguia outra ordem paralela, como se não fizesse parte do sistema previamente conhecido. Segundo o artista: “o pássaro sobrevoando o globo representa a esperança pela liberdade futura”; mesmo assim, ele está do lado de fora, o que poderia ser interpretado como uma inacessibilidade a Terezin e ao conteúdo da guerra.



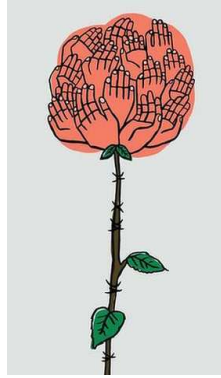
(fig. 04)

Tal qual a obra anterior, a pintura de Carmen Rosa Lopez reutiliza um símbolo anteriormente cristalizado – o uniforme listrado dos prisioneiros – para recriar uma nova imagem, que é a da vida por meio das folhas nascendo nos galhos de árvores. A artista declara que: “Se você olhar cuidadosamente, (verá que) o horror do campo não destrói a vida.”



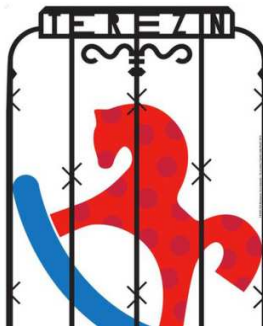
(fig. 05)

O contraste também é o ponto forte da obra de Ilaria Montanari, que utiliza o arame farpado para compor o contorno de uma casa, possivelmente simbolizando o lar que foi negado aos prisioneiros. Além do mais, o desenho tem traços que relembram os de uma criança, em uma referência ao fato de que havia muitas delas no campo de Terezin. A incongruência objetivada se dá mais pelo fato de que o contorno do desenho infantil é exatamente o mesmo do campo de concentração: o seu mundo interno passa a ser o campo, e não há possibilidade de ultrapassá-lo.



(fig. 06)

Ao contrário do que acontece nos primeiros trabalhos, Samantha Zino não traz o otimismo com relação ao futuro. Na verdade, a artista explica que a rosa é composto pelas mãos das crianças que não estarão mais lá para admirá-la quando ela florescer. Isso retoma, em alguns aspectos, o que foi dito por Agamben (*O que resta de Auschwitz*, 2008): apenas os que chegaram ao máximo do sistema de eliminação nazista – ou seja, a câmara de gás – poderiam narrar o Holocausto em sua completude. Dessa maneira, a vida dos que sobreviveram (representada pela flor) terá em seu cerne a memória dos que pereceram.



(fig. 07)

A última obra, de Anna Kulachek, traz diversos elementos: primeiro, a questão da prisão que aparece em primeiro plano, e, dentro das grades, há a já usual referência às crianças do campo. Além do mais, o cavalo de balanço está imóvel, ou seja, contra a sua natureza, representando o caráter inumano do genocídio.

Portanto, apesar de servirem para um mesmo propósito – a releitura das atrocidades –, e de utilizarem basicamente os mesmos elementos – a criança na sua vivência do campo de concentração –, as pinturas se comportam de formas diferentes: enquanto umas parecem compartilhar o positivismo infantil de que há um futuro melhor, outras se dedicam ao culto da

memória do passado, que acaba por se contrapor a tal otimismo. Isso mostra que o culto à memória do Holocausto ainda leva muitos aspectos em consideração, como a própria relação do artista com o genocídio.

### III

Ao serem produzidas, cada obra, à sua maneira, procurou dar voz a novas gerações, ao mesmo tempo em que consideravam as visões particular do Holocausto. A escolha pelas imagens não foi aleatória: além de quebrar o tabu de que o genocídio não pode ser visualizado por qualquer pessoa que não tenha vivido a experiência, ela também vem como resposta à questão simbólica que invadiu o mundo de forma traumática depois da guerra.

Respondendo à pergunta do início (sobre a maneira segundo a qual as sociedades lidam com a herança do Holocausto) o resultado é um trabalho complexo: ao serem “bombardeadas” com uma série de significantes (ou seja, de símbolos) advindos dos imigrantes que lá chegavam, imagens são buscadas para servirem como um significado de apoio, que lhes ajudassem a captar a dimensão da experiência que estava sendo transmitida, configurando, assim, uma mudança (em termos sociais) das teorias lacanianas, já que, como símbolos chegam primeiro e de maneira traumática, a busca por imagens que corporifiquem tal experiência passa a ser extremamente necessária.

Não é a toa que as produções cinematográficas acabam por serem mais conhecidas do público do que a literatura em si. A imagem que falta àqueles que não passaram pela vivência do campo de concentração é buscada em filmes como “Schindler’s List” (1993, de Steven Spielberg), “La Vita è Bella” (1999, de Roberto Benigni), “The Pianist” (2002, de Roman Polanski), “The Boy in the Striped Pajamas” (2008, de Mark Herman), “Bastardos Inglórios” (2009, de Quentin Tarantino), etc. A crítica fica por conta da necessidade de uma aproximação quase abjeta da guerra, como na cena do filme de Spielberg em que prisioneiras esperam embaixo de um chuveiro, sem saber se o que vai sair é gás ou água.

Tendo isso em vista, as pinturas ilustram um passo em outra direção, na medida em que objetivam exatamente uma representação distante, mas ainda assim sem perder de vista os mecanismos do Holocausto e os símbolos que o compõe. É por isso que cada uma das obras traz aquilo já adiantado pelos testemunhos: o transporte, a chaminé, o fogo, a seleção, o uniforme, a morte. Neste sentido, a arte se torna uma importante ferramenta na disseminação do genocídio, colaborando para que sua memória não morra, ao mesmo tempo em que continue a fazer sentido para as próximas gerações.

## **Bibliografia**

AGAMBEN, G. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

DOLTO, F. e NASIO, J.-D. *A criança do Espelho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

FREUD, S. (1915). "Reflexões para o tempo de guerra e morte". In: Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. (1953). "O Simbólico, o Imaginário e o Real". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_ (1958). *Seminário V – As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_ (1962). *Seminário IX – A Identificação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LEVI, P. (1947). *É Isto um Homem?*. São Paulo: Rocco, 1988.

WIESEL, E. (1972). *The Night Trilogy*. New York: Hill and Wand, 2006

ZIZEK, S. *How to Read Lacan*. New York: W. W. Norton & Company, 2007